

Espanto e dor no mundo cristão

Hoje a fixação da data para o sepultamento

Os "papabili" desta nova e difícil sucessão

Conclave será convocado até 18 de outubro

Adiada a reunião dos bispos da América Latina



Na Sala Clementina, no Vaticano, o corpo do papa João Paulo 1.º, com os paramentos pontificais, está exposto à visitação pública. Milhares de fiéis, prestaram ontem sua última homenagem. Radiofoto UPI

O corpo do papa João Paulo 1.º, com a face serena, foi velado ontem na Sala Clementina, no Vaticano, por cerca de 100 mil pessoas. Enquanto isso, a Igreja católica colocava em funcionamento, pela segunda vez em dois meses, o processo para a escolha do sucessor do Sumo Pontífice.

A Congregação Geral dos Cardeais reúne-se hoje às 11 horas para marcar a data do funeral de João Paulo, que morreu às 23 horas de anteontem em seu leito, acometido por um fulminante ataque cardíaco. Seu secretário particular o encontrou às 5h30 da manhã de

ontem, com a luz acesa e com o livro "Imitação de Cristo" ainda nas mãos.

O secretário-geral da CELAM, cardeal Alfonso Lopez Trujillo, anunciou ontem em Bogotá o adiamento por tempo indeterminado da conferência de Puebla, marcada para os mesmos dias em que agora deverá se realizar o novo conclave que elegerá o sucessor de João Paulo 1.º.

O conclave será convocado entre 13 e 18 de outubro e será regido pelas diretrizes explícitas e rigorosas determinadas pelo papa Paulo 6.º em 1975. Os cardeais italianos Paolo Bertoli, 70 anos, Sergio Pignedoli, 68, e Sebastiano Bag-

gio, 65, eram os favoritos para suceder a Paulo 6.º. Especialistas sobre o Vaticano adiantaram que os três serão novamente os favoritos, pois os critérios para a escolha do novo papa — que seja um "pastor", mais do que um político e, de preferência, um italiano — não deverão ser alterados. Mas salientaram que um candidato inesperado, como foi o caso de João Paulo, não pode ser excluído das considerações.

O mundo expressou surpresa e pesar pela repentina morte do Sumo Pontífice. "Roma está em estado de choque", disse o bispo Paul Dudley, de Minneapolis, no

Vaticano. A Itália ainda estava de luto pela morte de Paulo 6.º, ocorrida a 6 de agosto, e um porta-voz do Vaticano declarou: "É impossível. Ele abriu os braços para todos nós e agora se foi tão rapidamente."

O presidente Geisel decretou luto oficial de três dias em todo o Brasil e o Congresso suspendeu ontem seus trabalhos.

Mais notícias sobre a morte do Papa e comentários de nosso correspondente em Roma, Pedro del Picchia, de Paulo Francis, Gerardo Melo Mourão e Newton Carlos, nas págs. 11, 12, 13, 14 e 15.

Leia editorial "Um símbolo", na Página Dois.

OPINIÃO

* "O direito/dever de votar", de Dalmo A. Dallari, e "O sentido da reforma", de Miguel Reale. **Página Três**

LOCAL

* A esperada conferência do oceanógrafo Jacques Cousteau, no último dia do 1.º Simpósio Nacional de Ecologia, em Curitiba, foi intensamente aplaudida ontem pelo público, que voltou a lotar o teatro Guaíra. **PÁG. 18**

EDUCAÇÃO

* Professores das redes estadual e municipal marcaram assembleia para hoje, às 15 horas, na Câmara Municipal de São Paulo, quando pretendem discutir os resultados dos encontros mantidos com os secretários de Educação do Estado e do Município. **PÁG. 20**

* A Universidade Mackenzie, as Faculdades Metropolitanas Unidas e as Faculdades Integradas Alcantara Machado abrirão segunda-feira as inscrições aos vestibulares de 1979. Na PUC, as inscrições encerram-se hoje. **PÁG. 19**

ECONOMIA

* O governador encaminhou ontem à Assembleia Legislativa a proposta orçamentária do Estado para 1979, estimando receita e despesa em Cr\$ 166,5 bilhões, o que representa um aumento de 56,2% em relação ao orçamento do corrente ano. A maior verba é a da Secretaria da Educação (Cr\$ 30,3 bilhões). **PÁG. 21**

* A Siderbrás refutou ontem as críticas do documento da Fiesp sobre a usina siderúrgica de Tubarão, afirmando que nem o projeto nem o acordo de acionistas devem ser revisados. **PÁG. 23**

ILUSTRADA

* Se Stanislaw Ponte Preta (o jornalista Sérgio Porto) estivesse vivo, não há dúvida de que teria material mais que suficiente para continuar escrevendo seu "Festival de Besteiras que Assola o País" (Febeapá). Há dez anos ele morria no Rio de Janeiro e seu jornalismo, criações e comportamento são lembrados nas páginas 35 e 37.

O TEMPO

* Tempo nublado hoje de manhã em São Paulo, passando a bom. Temperatura estável. Ontem, na Capital, a máxima foi 23 graus e a mínima 10.

Na coluna "AGENDA", pág. 20, a previsão para a Grande São Paulo, litoral, interior do Estado e várias regiões do País.

Setúbal fixa normas para o cartaz de rua

A partir de 1.º de janeiro, nenhum cartaz, painel, "out-door", luminoso ou qualquer outro anúncio ao ar livre poderá ser colocado em locais públicos (ou em pontos visíveis destes locais) sem prévia autorização da Prefeitura.

Essa é uma das principais determinações do decreto, assinado ontem pelo prefeito Olavo Setúbal, que regulamenta a legislação vigente sobre os anúncios afixados pela cidade.

Segundo a Prefeitura, os maiores objetivos do decreto são eliminar a poluição visual, evitar problemas de segurança à população e garantir o equilíbrio das mensagens publicitárias. **PÁG. 17**

Trens colidem; há um morto e 16 feridos

Um choque de trens, às 7 horas de ontem, a 500 metros da estação de Caieiras, provocou a morte do maquinista Manuel Martins de Oliveira, da Rede Ferroviária Federal, e ferimentos em mais 16 pessoas. Segundo o engenheiro responsável da Rede, Geraldo de Abreu, uma composição da Fepasa, que vinha de Santa Fé do Sul, parou a 500 metros da estação para pedir a liberação da linha que ocupava e prosseguir viagem até a Capital. O maquinista do trem da Rede não percebeu a tempo a composição da Fepasa, e houve o choque. Testemunhas afirmam que o maquinista saltou do trem ao pressentir a colisão, morrendo na queda. **PÁG. 28**

França não venderá super-regeneradores

A França está disposta a cooperar com o Brasil no campo atômico, "no quadro da política nuclear exterior que ela se fixou". A afirmação, feita em Paris pelo presidente francês Giscard d'Estaing, significa que a França continua disposta a não abrir ao Brasil a aquisição da tecnologia dos reatores super-regeneradores, por tratar-se de equipamentos que fabricam plutônio, matéria-prima da bomba atômica.

Em entrevista aos correspondentes brasileiros na França, às vésperas de sua visita ao Brasil, Giscard reafirmou o interesse francês em estimular o intercâmbio comercial e tecnológico entre ambos

os países, especialmente no campo da energia solar. Também disse acreditar na semelhança de pontos de vista entre a França e o Brasil em relação à África, e defendeu a realização de consultas entre ambos os governos sobre o tema. **PÁGS. 8 a 10**

DOSSIÊ FRANÇA

A partir de hoje matérias e comentários sobre as relações Brasil - França, às vésperas da visita do presidente Giscard.



As duas composições, da Rede Federal e da Fepasa, engavetaram-se com a violência do choque.

Euler desiste dia 13

A participação do general Euler Bentes Monteiro no processo sucessório presidencial está prestes a terminar. O MDB deverá formalizar a desistência em comum acordo com o candidato, na reunião da Executiva Nacional, marcada para 13 de outubro — dois dias antes da reunião do Colégio Eleitoral.

A informação, divulgada no Rio, foi ontem confirmada em Brasília por um parlamentar emedebista (ligado à candidatura Euler), o qual acrescentou que a decisão será partidária e que o general se comprometeu a cumprir até o fim sua campanha pública. Hoje, Euler estará em Petrópolis, terça-feira em Salvador e no dia 6 fará a última concentração popular, em Belo Horizonte.

O general evitou ontem comentar essa informação, limitando-se a um categórico desmentido de que já tenha enviado carta de renúncia ao presidente Ulisses Guimarães (notícia divulgada numa emissora de televisão).

"Se porventura tivesse que tomar tal decisão — disse Euler — jamais o faria sem a plena concordância do MDB e sem vir a público para anunciá-la e explicá-la pessoalmente."

PÁG. 4

Leia editorial "Final previsível", na Página Dois.

Geisel volta a pedir votos para a Arena

O presidente Geisel conclamou ontem todos os arenistas "à luta pela vitória nas eleições de 15 de novembro", depois de admitir que tem recebido muitas críticas por estar ajudando na campanha do partido governista.

"Embora aceite essas críticas — disse o presidente —, como membro da Arena que sou e pelo fato desse partido dar ao Governo sustentação no Congresso, acho que devo fazer a campanha e vou continuar fazendo."

Geisel fez o pronunciamento perante cerca de 100 prefeitos arenistas do Oeste Paulista, reunidos na Prefeitura de Andradina. O presidente fez também um discurso a cerca de quatro mil pessoas reunidas no centro da cidade.

Durante sua visita ao Estado, Geisel participou da inauguração da usina de Água Vermelha, da Cesp. **PÁG. 10**

Figueiredo visita d. Aloísio e diz que ele está bem

O general João Batista Figueiredo fez ontem uma visita ao cardeal-arcebispo de Fortaleza e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dom Aloísio Lorscheider, internado desde quinta-feira no Hospital de Base de Brasília em consequência de um distúrbio cardiovascular.

"Ele está bem, muito bem. Está inteiro; foi mais um susto que ele deu na gente", disse o general à saída.

O candidato oficial da Arena à Presidência da República deverá vir a São Paulo na segunda quinzena de outubro (após a reunião do Colégio Eleitoral), especialmente para participar da cerimônia de entrega do Prêmio Telesp de Jornalismo.

Procurador acata recurso contra F. Henrique

O procurador-geral eleitoral, Henrique Fonseca de Araújo, emitiu ontem parecer favorável ao provimento de recurso do procurador do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, para que o TSE declare o candidato emedebista ao Senado, Fernando Henrique Cardoso, inelegível por ter sido aposentado em 1969 como professor da USP com base no AI-5.

O Tribunal Superior Eleitoral deverá julgar o recurso na quarta-feira às 16 horas.

Ontem, o presidente nacional do MDB, deputado Ulisses Guimarães, manifestou a solidariedade do partido a Fernando Henrique.

PÁG. 6

Uma Ponderável Opinião

A dissidência arenista disposta a votar com o sr. Magalhães Pinto, e com cujo apoio contava o general Euler para vencer em 15 de outubro, não chegará intacta ao Colégio Eleitoral. A impossibilidade de manter a coesão desse grupo em torno de outra candidatura militar, que era um fato intuído, adquire agora os contornos de uma certeza definitiva, depois do encontro do senador Acióli Filho com o general João Batista de Figueiredo.

Não é preciso falar sobre a lisura do representante paranaense, o principal assessor jurídico de Magalhães. Trata-se de uma das figuras mais dignas do Congresso, e leva tão a sério sua noção de honra que não vai disputar cargo algum nas próximas eleições. Ele simplesmente abandonará a vida pública, desiludido com os companheiros e frustrado pela experiência.

Ao aceitar o convite do candidato para uma conversa, portanto, Acióli não estava à procura de uma oportunidade para aderir. Tanto que impôs suas condições sobre o local de encontro, e saiu dele sem compromisso algum com Figueiredo, depois de uma hora e meia de palestra sobre assuntos diversos, menos Colégio Eleitoral.

Na verdade, ao escrupuloso senador impressionou bem a gentileza do candidato, que jamais tocou no assunto óbvio que era o motivo do entendimento. Em vez de procurar dobrar o interlocutor, que é um dos cérebros da resistência à sucessão militar, Figueiredo debateu com ele política, administração, economia e problemas brasileiros, cuidando naturalmente de ganhar-lhe a simpatia por meios indiretos.

E, de certa forma, obteve êxito. Reafirmando

Brasília

embora que ainda não se decidiu sobre o que fazer — e só há três opções — Acióli deixa entrever que provavelmente acompanhará seu partido, sufragando Figueiredo, de vez que o voto em branco lhe parece uma omissão imperdoável em matéria de tal importância.

Ademais, os conceitos emitidos pelo general sobre questões básicas da democracia foram mais liberais que os do presidente Geisel, aproximando-se bastante das teses defendidas pela velha UDN. Ao colocar tais idéias, e comprometer-se com a continuidade do aperfeiçoamento institucional dentro desses rumos, Figueiredo deixou Acióli em uma situação difícil, quem lutou até agora contra os retrocessos autoritários não pode recusar o voto a um candidato de seu partido que promete corrigir tais equívocos.

Da conversa, o autor da emenda contra os senadores bionicos extraiu algumas conclusões pessoais. A primeira é a de que a equipe do futuro governo será inteiramente renovada. A segunda é a de que o general Figueiredo, pela capacidade que tem de admitir os argumentos contrários a seus pontos de vista, poderá fazer uma boa administração, desde que consiga assessoria competente.

Com a devida vênio do senador, temos aí apenas uma conclusão, que é a segunda. A outra decorre dela.

R.L.

A Primeira Baixa

A primeira baixa política, depois do "rush" triunfante do Governo Geisel iniciado com a "missão Portela", a qual serviu para lançar confusão na retaguarda oposicionista, e completado com a estranha deserção de emedebistas na hora da votação das reformas na Câmara dos Deputados, está prestes a ser anunciada. O general Euler Bentes Monteiro retirará sua candidatura à Presidência da República, acompanhando a renúncia do MDB em participar do Colégio Eleitoral que a 15 de outubro sufragará, já agora sem sombra de dúvida, o general João Batista Figueiredo como sucessor do presidente Geisel pela legenda da Arena.

O general Euler sai do episódio arranhado no seu prestígio militar e civil, na medida em que pouco ou nada acrescentou seja à campanha pela reconquista imediata dos postulados democráticos ansiados pela consciência liberal brasileira, seja na constituição de uma liderança política nacional neste País tão pobre de quadros de chefia. Há o que se lamentar, portanto, com o afastamento do cenário político desse militar não só de trato ameno e educado, aberto ao diálogo e pronto a abraçar idéias e propostas generosas, apenas preocupado com o bem da Nação e do seu povo.

Os que conversaram, na descontração da informalidade, com esse homem de pensamento claro e humano em sua casa sempre calorosa, marcada pela presença amiga e simples de dona Maria José, sua esposa, podem testemunhar como único desejo do general Euler Bentes Monteiro ajudar a construir uma sociedade liberta das injustiças sociais, onde a maioria possa im-

A Campanha do Presidente

O presidente da República fez questão, ontem, no interior de São Paulo, de reafirmar sua disposição de promover a campanha da Arena e seus candidatos. Com isto refutava críticas que tem recebido de seu envolvimento pessoal na campanha eleitoral.

A participação do Presidente — ao nível de apelo e promoção retórica — está dentro dos princípios políticos regulares e normais. A crítica por essa simples participação é irrelevante, para não dizer bizantina. Mas o que deve ser levado em conta é o envolvimento além do estritamente pessoal, o envolvimento da máquina administrativa. É o jogo ardiloso dos que compõem o Poder para desarticular o adversário. É o jogo de pressões contra o adversário e de benesses para os correligionários. Essa circunstância é que caracteriza a distorção condenável de uma campanha com vistas ao voto direto.

Embora não seja um político profissional, o general Ernesto Geisel, por sua formação pessoal, é naturalmente avesso a situações que comprometam a moral e a ética. Portanto, basta-lhe apenas identificar claramente a fronteira entre sua participação na campanha de seu partido e o envolvimento da máquina do Governo a favor do partido oficial.

Por "uso da máquina do Governo" entenda-se o beneficiamento de candidatos arenistas, no sentido de dispor de cargos na burocracia do

Rio de Janeiro

por sua vontade mas sem subjugar as minorias e onde, da maior a menor autoridade, prevaleça a higidez moral. Se eleito, o presidente Euler Bentes Monteiro não seria, no método, muito diferente do presidente Geisel, pois aos dois são comuns o senso da autoridade e até mesmo o vício do centralismo. Mas certamente em Euler Bentes as inquietações com os problemas sociais transpirariam com muito mais força que neste governo que completa mandato.

Ao desistir de ir ao Colégio Eleitoral, apenas para evitar a derrota certa, o MDB tenta esfarrapada manobra destinada a prejudicar a sua imagem já bastante ruim perante a opinião pública e recompor, onde seja possível, sua postura política com vistas às eleições diretas de 15 de novembro. Como partido, delibera segundo suas conveniências e em conformidade com seus planos de conquistar maioria no Congresso Nacional pela via das urnas.

De qualquer maneira, entretanto, a conduta dos emedebistas ao longo do drama sucessório presidencial não deixa de se mostrar perversa quando se verifica que todas as omissões, todo o corpo mole e todas as tergiversações serviram para abater o ânimo desse general Euler Bentes Monteiro que brava e desprendidamente se dispôs a correr os riscos e, acreditando na legenda oferecida, fez-se candidato para disputar, com a Arena e o general João Batista Figueiredo, a Presidência da República.

D.B.

São Paulo

Estado em seus vários níveis; aproveitamento de veículos oficiais para campanhas pessoais; destinação de verba a fundo perdido para fazer propaganda de candidatos oficiais e atos semelhantes.

O general Ernesto Geisel deve conhecer bem esses usos inadequados da máquina governamental. Sempre teve uma preocupação de moralizar a administração pública, e desenvolveu um sincero esforço para conselgu-lo em seu Governo.

O presidente da República deve saber que o povo brasileiro também não vê com bons olhos o desvio da máquina administrativa para fins políticos, quando menos porque a máquina ainda não é eficiente nem para administrar o País.

Nada disso significa, naturalmente, que o presidente da República tenha que se abster da campanha eleitoral. Ao contrário do que imagina a Oposição, é importante, oportuno e desejável que o presidente da República participe da luta de seu partido pelo voto direto. Ele se dispõe a entrar no jogo, a perder ou a ganhar, e portanto a respeitar o resultado.

R.B.

Porto Alegre

maneiras, sua vocação de não levantar a voz e nem de contrariar A ou B. Muitos chegaram a afirmar que o general Figueiredo se enquadraria muito mais na Oposição, enquanto o general Euler teria sido o candidato ideal de Geisel se descoberto a tempo.

Todos sabemos que os militares que apóiam Figueiredo podem falar o quanto quiserem, pois não houve até agora nenhum exemplo de punição para aqueles que estariam transgredindo o RDE. O mesmo já não se pode dizer dos que apóiam Euler, motivo por que há sempre precauções e correrias policiais sempre que Euler acerta um encontro com antigos companheiros de farda. A tal ponto chegou esse sistema de dois pesos e duas medidas, que a maioria prefere o anonimato, preferência que se acentua a cada dia que passa.

O episódio da Universidade de Brasília parece que selou a sorte de Euler. Ele preferiu ser mais realista do que o rei, examinando primeiro, e antes mesmo do próprio reitor, se o organismo estudantil anfitrião teria ou não legalidade decorrente do AI-5. Se irá ou não renunciar antes do dia 15, ninguém sabe, mas opiniões sensatas e correntes assim o desejariam, pois entrar num Colégio adrede preparado para dar a vitória ao candidato oficial à Presidência da República, longe do povo, só dará vantagem àquele candidato. No momento de contar os poucos votos do Colégio espúrio, a imagem de escolha democrática não será mera figura de retórica.

J.G.

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Final previsível

A desistência do general Euler Bentes Monteiro da candidatura pelo MDB à Presidência da República não surpreende. Assinala o fracasso da aventura oposicionista traduzida na tentativa de tomar o poder por meio de um golpe de mestre. Seria interessante procurar refletir sobre as razões desse fracasso.

★

Na realidade, o conteúdo fortemente ambíguo da candidatura militar do MDB fez com que ela assumisse diversos significados ao mesmo tempo. De um lado, a postulação do general Euler Bentes se produziu concretamente graças à disposição quase desesperada de um ponderável setor do partido de Oposição, momentaneamente entusiasmado com a possibilidade de chegar ao poder aos trancos e barrancos para implantar em seguida sua proposta democrática. De outro lado, a candidatura exprimi um certo descontentamento latente e a mobilização iniciada por núcleos militares que se sentiram fortemente alijados da balança interna de poder do regime após os sucessivos golpes vibrados pelo Planalto sobre o assim chamado "sistema".

É evidente que, para se apresentarem novamente com uma alternativa, esses núcleos necessitavam agarrar-se a algum discurso político-ideológico. No mais das vezes por conveniência de momento, o discurso adotado foi o liberal-democrático, com algumas alterações de conteúdo, bastante visíveis no programa apresentado pelo general Euler Bentes. De resto, a candidatura militar de Oposição empolgou algumas faixas exiguas do partido do Governo, compostas por políticos mais sensíveis às necessidades da sociedade e frustrados com o autoritarismo que o Planalto impôs como ritmo de existência de seu próprio partido.

A falta de homogeneidade e objetividade mínima da candidatura, em parte superada durante a campanha que abortou, antecede-se a perspectiva equivocada em que se colocou todo o projeto. A construção de um regime efetivamente democrático no Brasil é uma tarefa de paciência e perseverança. Mesmo admitindo-

se, em hipótese, a possibilidade objetiva de uma vitória claramente democrática no Colégio Eleitoral de 15 de novembro, persistiria a questão: como se daria sustentação e garantia de continuidade a essa vitória? Tudo indica que a prioridade democrática hoje consiste e reside na politização da sociedade e na sua organização com vistas a interesses determinados. Não será, certamente, por meio de acordos de gabinete que se superará a atual situação política, inconveniente para a maioria da população: o regime democrático, implementado dessa forma — de cima para baixo — não será democrático.

★

Cumprer ressaltar os aspectos positivos deixados pelo episódio Euler Bentes: a abertura de novos espaços políticos, especialmente no seio do próprio autoritarismo, e a experiência extremamente útil legada pelos erros cometidos, que deverão ser analisados em profundidade.

Mas o principal saldo se contém na certeza de que, a partir de agora, as coisas poderão ser colocadas nos seus lugares. A liberdade é conquistada na prática; é preciso que sejam garantidos os espaços políticos já abertos e assegurada a sua utilização pela sociedade, é preciso fortalecer a idéia de que os setores sociais podem e devem, realisticamente, defender seus interesses e suas propostas políticas — é preciso derrotar o autoritarismo nas urnas. Sobre tudo, resta a importante conclusão de que, antes de existir o regime democrático, é necessário que a convicção democrática exista na consciência da maioria da população. É fundamental, enfim, construir a certeza de que a democracia é melhor porque nos permitirá viver um pouco melhor e possibilitará a solução dos nossos problemas básicos.

★

Engana-se, porém, o Governo Federal se acredita que afastou, depois de tantas ameaças e pressões, seu maior adversário. O verdadeiro adversário, até do próprio Governo, habita os cérebros dos nossos governantes: é o autoritarismo que isola o poder e o coloca cada vez mais contra a Nação.

Um símbolo

A morte do papa João Paulo 1.º, com tudo o que possa chocar no fim de uma vida que aparentemente não se realizou na plenitude que seu cargo exigiria, e que as boas expectativas de suas primeiras atitudes deixaram entrever, pode ensinar algumas conclusões positivas: os fiéis da Igreja terão certamente motivos para meditar nos caminhos da existência humana, relacionando-a com a idéia de transcendência em que creem. Para o mundo não católico, porém, fica a convicção de que a História pode não se contar por anos, mas por dias e até segundos.

O pouco que se possa dizer sobre um pontificado que durou apenas 32 dias, estriba-se exatamente nesta realidade: ainda que do papa João Paulo 1.º fique apenas a lembrança saudosa de um pontífice que logo nos primeiros momentos procurou pautar sua conduta por uma humildade exemplar — o que a História registrará talvez não seja apenas um pontificado meteórico. Ao papa João Paulo 1.º deve ser creditada uma postura importante ao se colocar entre dois típicos pontífices do mundo contemporâneo, João 23 e Paulo 6.º. Mesmo que se registre esta escolha ao nível meramente simbólico, há símbolos que valem à História pelo que revelam de algumas tendências. É a escolha simbólica

do papa ontem falecido vale, afinal de contas, tanto para justificar os que o elegeram — os cardeais da Igreja (e nada sugere que não tenham eleito o que julgaram o melhor) como pelo que o próprio Papa buscou ao vincular seu nome ao de seus dois antecessores. Era claro que ele via principalmente na opção histórica daqueles dois pontífices seus papéis nunca suficientemente valorizados em favor de um mundo mais justo.

★

E sobra, enfim, para confirmar esta tendência que interessa principalmente ao chamado Terceiro Mundo, do qual fazemos parte, não apenas o símbolo de um nome tomado de dois pontífices que marcaram sua ação em favor dos desvalidos; houve o ostensivo sentido de humildade na rejeição à cadeira gestatória no dia de sua coroação — símbolo de uma pompa que a Igreja parece querer intencionalmente afastar de seus ritos — e, mais que isso, houve o sorriso doce de um homem bom.

Talvez seja pouco para o mundo e para a História; mas não o é para a Igreja que, não por coincidência, comemora seus santos não pela data de seu nascimento, mas de sua morte.

Luiz Alberto Bahia

Barganha e Estrutura de Poder

Percebo ao voltar ao Brasil que há no ar expectativa de triunfo eleitoral arenista com base no resultado da votação da emenda constitucional, que consolidou o Estado corporativo-autocrático. Este foi mantido em estado virtual, o arbítrio do Ato Institucional n.º 5 persiste através do dispositivo que criou as "medidas de emergência".

Toda gente sabe que o arbítrio do Ato-5 sempre tem sido um poder virtual de compressão e de medo, que atua por ação de presença. Isto é, age pela simples possibilidade de vir a ser utilizado. O Ato-5 se preservou eficiente justamente por ser virtual. A sua aplicação frequente e constante acabaria por erodir o seu poder virtual. Ele se tornaria um poder em uso e consequentemente acabaria revelando sua incrível taxa de arbitrariedade. Ele se desmoralizaria.

Em primeiro lugar, a vitória da Arena no Congresso não guarda relação necessária com um futuro comportamento em novembro do eleitoral. Em segundo lugar, não é certo que a Arena fique sem resposta adequada, ao tentar acusar o MDB de ter deixado de votar a revogação das leis de exceção. A resposta adequada será a de que o MDB não deveria votar a substituição de um poder virtual arbitrário por outro: o Ato-5 pelas "medidas de emergência". De fato a conservação do arbítrio residual das emergências não revogou as leis de exceção. Simplesmente colocou-as sob novo disfarce na própria Constituição. Consolidou permanentemente a exceção na forma de poder arbitrário virtual pronto para ser aplicado por qualquer governante ambicioso, que se proponha a conspirar contra a liberalização limitada que foi votada na emenda constitucional Geisel.

Não menos adequada será a resposta oposicionista de que foi consumado atentado político grave pelo Governo. Este obrigou o Congresso a votar em bloco emenda constitucional de vários dispositivos, sem facultar ao Legislativo o direito de votar separadamente, com destaques, cada dispositivo. Se o Governo não tivesse cometido a violência político-constitucional do voto em bloco, cada congressista poderia ter votado segundo a sua consciência cada dispositivo da emenda constitucional.

O que aconteceu no Congresso com a votação em bloco da emenda, que conserva nas medidas de emergência, o sêmen da ditadura pessoal, foi um estupro político. Desta vez, a emenda constitucional do Executivo não precisou ser decretada, como em abril de 1977, porque a Arena estava condicionada a votar coesa o projeto oficial a fim de retribuir o poder que lhe foi dado de presente e a nenhum custo pelo "pacote" de abril — os governos estaduais do País. A coesão arenista assim se explica melhor: a barganha entre as emendas de 1977 e de 1978 foi consumada.

Consumada parece também a permanência no País de uma aliança conservadora que se destina a manter, com a ajuda da Arena, determinada estrutura de poder, que retém para o Executivo o privilégio do monopólio da política econômica. Isto é, a estrutura do poder que esvazia de poder decisório o Congresso brasileiro. Em troca, a Arena retém o oligopólio dos poderes estaduais.

★

A questão a examinar agora — enquanto não se conhece o resultado das eleições de novembro com caráter de referendo da reforma corporativa autocrática — é a da compatibilidade da estrutura de distribuição de poderes concentrados no Executivo, com a cisão já observada na elite dos planejadores brasileiros. Essa elite está se dividindo quanto aos valores e prioridades, quer dizer, quanto ao País que queremos criar.

De um lado, há parcela da elite de planejadores governantes que julga que uma estratégia redistributivista da renda inteligente é o meio mais adequado "para promover o próprio crescimento". Tal estratégia redistributivista seria o "novo fator de dinamismo para a própria continuidade do processo de crescimento". De outro, a elite de planejadores vinculada aos interesses do poder nacional e da grandeza continua a dar prioridade à compra de reatores nucleares reprodutores e de foguetes de lançamento.

Parece evidente que a manutenção da presente estrutura de poder, ou da atual distribuição do poder decisório entre o Executivo e o Congresso, favorece as prioridades do poder nacional. E também a concentração de poder no Executivo, onde predomina a corporação militar no processo decisório na definição da política de investimentos. Os tecnocratas "rebeldes" do crescimento pelo redistributivismo não encontrarão apoio em uma estrutura de poder conservada em sua essência autocrática.

Os tecnocratas "rebeldes" que dão prioridade à melhoria da "cesta de alimentos e de serviços populares" já terão percebido que a concentração de poder de natureza antidemocrática — agora referendada no Congresso pela Arena, ao votar as "salvaguardas" protetoras da auto-cracia — tenderá a escolher foguetes e reatores em lugar da cesta de alimentos e de serviços de consumo popular. Eles compreenderão, como todos nós, que a revisão das prioridades e de valores está diretamente relacionada à reforma da estrutura do poder do Estado. A liberalização limitada e contida pelo poder arbitrário virtual das emergências não permitirá a revisão dos valores e das prioridades.

Frases

E. M. N.

"Há muita gente que fala em povo, mas nem sempre consulta o povo para saber o que ele pensa e o que quer."

(D. Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador/BA).

"No Brasil, especialmente no Nordeste, o boi é tratado melhor do que a maioria do povo."

(Gilverton Rocha, senador, MDB/SE).

"Com todo o respeito que tenho ao meu país e ao meu mandato, estão querendo transformar o Brasil num grande Paraguai."

(Teotônio Vilela, senador, Arena/AL).

"O que importa é a realidade contundente do custo de vida, que sufoca o povo brasileiro."

(Evandro Carneira, senador, MDB/AM).

"O país não suporta mais uma ditadura mascarada e arbitrária."

(Paulo Brossard, líder da Oposição no Senado).

"Esta é a campanha mais corrupta e desleal de toda a história política brasileira. É o poder da verba contra o poder do verbo."

(Alvaro Dias, deputado federal, MDB/PR).

"São Paulo não reivindicará quando necessitar. São Paulo conquistará. Essa é a minha frase."

(Paulo Maluf, governador eleito de SP).



A morte do papa João Paulo 1.º

Cardeais decidem data dos funerais

Pedro del Picchia,
de Roma

A Congregação Geral dos Cardeais reúne-se hoje às 11 horas, para marcar a data dos funerais do papa João Paulo 1.º, falecido anteontem às 23 horas, após um brevíssimo pontificado de 33 dias, o mais curto deste século. A morte do papa só foi notada na manhã de ontem, quando às 5h30 seu secretário particular, padre Magee, inquieto porque o Sumo Pontífice não aparecera como de hábito às 5 horas na capela particular, foi procurá-lo em seus aposentos.

Ao entrar no quarto do papa, padre Magee encontrou-o deitado imóvel, com um leve sorriso no rosto iluminado pela luz que permanecia acesa desde a véspera, quando pouco depois de deitar-se João Paulo 1.º, 66 anos, foi acometido por um fulminante enfarte do miocárdio agudo que provocou sua morte imediata. Aos pés do leito jazia aberto o livro "Imitação de Cristo", cuja autoria é atribuída ao religioso e pensador holandês Tomas de Kempis, que viveu entre os séculos 14 e 15.

O secretário do Pontífice imediatamente chamou o médico do Vaticano que nada pôde fazer além de constatar o falecimento do papa.

A semelhança de sua eleição e de seu pontificado, acredita-se em Roma que os funerais de João Paulo 1.º deverão ser realizados em poucos dias, ao contrário do que sucedeu há cerca de um mês, quando da morte de Paulo 6.º. É provável que até amanhã, domingo, o papa já esteja sepultado.

Da mesma forma, considera-se que todo processo de escolha do sucessor de João Paulo 1.º será mais breve que o anterior. Isto porque, ao contrário da época da morte de Paulo 6.º, toda a Cúria Romana está mobilizada, funcionando normalmente e com a quase totalidade de seus cardeais em Roma. Outro motivo é que o papa João Paulo faleceu em seus aposentos no Vaticano, enquanto seu antecessor Paulo 6.º morreu na residência de descanso de Castelgandolfo, o que determinou uma complicada operação para o transporte do corpo para a Santa Sé de acordo com os ritos sacros previstos.

O primeiro comunicado à imprensa sobre a morte do Sumo Pontífice foi divulgado pelo Vaticano às 7h42 e poucos minutos mais tarde, após a notícia ser transmitida pelas rádios, centenas e depois milhares de pessoas afluíram à praça de São Pedro, no território da Santa Sé.

Pela manhã, ainda, os dois canais de televisão estatal colocaram no ar edições extraordinárias de seus telejornais.

A notícia da morte de João Paulo 1.º, aliada a uma ruidosa manifestação de algumas centenas de jovens de extrema-esquerda pelas ruas centrais de Roma, criou um clima de nervosismo tenso na capital italiana, que amanheceu coberta de bandeiras hasteadas a meio pau em virtude da decretação de luto oficial por parte do presidente da República, Sandro Pertini. Não se achava um táxi livre na cidade e enormes congestionamentos de automóveis tomavam conta das principais ruas.

Na praça de São Pedro homens, mulheres e jovens, religiosos e leigos choravam e carregavam retratos do papa falecido. Muitos liam as edições extras que os principais jornais italianos tiraram. Entre estas, destacava-se o do "Osservatore Romano", órgão do Vaticano, em cuja primeira página uma grossa tarja negra envolvia a manchete "Papa João Paulo na Paz do Senhor".

Cúria mostra aos fiéis e jornalistas corpo do pontífice

Do correspondente

As 18 horas de ontem, na basílica de São Pedro, foi celebrada a primeira missa solene pela alma do papa João Paulo 1.º, como parte dos sagrados ritos fúnebres pela morte do Sumo Pontífice. Todos os cardeais da Cúria Romana, paramentados com luto, participaram das pompas fúnebres, às quais assistiram autoridades italianas e milhares de fiéis.

Antes disso, seguindo o ritual, o corpo de João Paulo 1.º fora apresentado a autoridades, jornalistas e fiéis, a partir das 12 horas na sala Clementina do Palácio do Vaticano. Esta sala, cujo nome é uma homenagem ao papa São Clemente, é totalmente decorada por pinturas de Rafael.

O corpo do papa estava vestido com a roupa vermelha (cor do luto papal), repousando sobre um leito de pedra ligeiramente inclinado. Seu rosto pendia levemente para o lado direito e sua boca ainda guardava vestígios do sorriso com que foi encontrado no leito de morte. A cabeça levava a mitra papal e no braço direito trazia uma bengala de prata com um crucifixo no castão. Seus dedos entrelaçados portavam um rosário rústico de cogias escuras.

Ladeado pelos guardas suíços com uniformes de luto desenhados por Michel Angelo (losangos azul escuro e amarelo), o corpo do Pontífice jazia na sala Clementina que fica exatamente abaixo do quarto que habitava. O corpo estava isolado do público por balcões de madeira colocados a cerca de três metros de distância.

Hoje às 11h deverá ser fixado o calendário definitivo dos funerais de João Paulo 1.º, cujo corpo ficou exposto à visitação até 19h de ontem, visitação que recomeçará hoje pela manhã.

O luto oficial do Vaticano é de nove dias, quando se cumpre a "novédia", e mesmo que o papa seja sepultado antes, este período de cerimônias fúnebres é cumprido.

Pela segunda vez, Jean Villot assume a chefia interina

Do correspondente

O secretário de Estado do Vaticano, o cardeal francês Jean Villot, voltou assumir ontem pela segunda vez em pouco menos de dois meses a chefia da Igreja Católica Romana, devido a morte do Papa João Paulo 1.º.

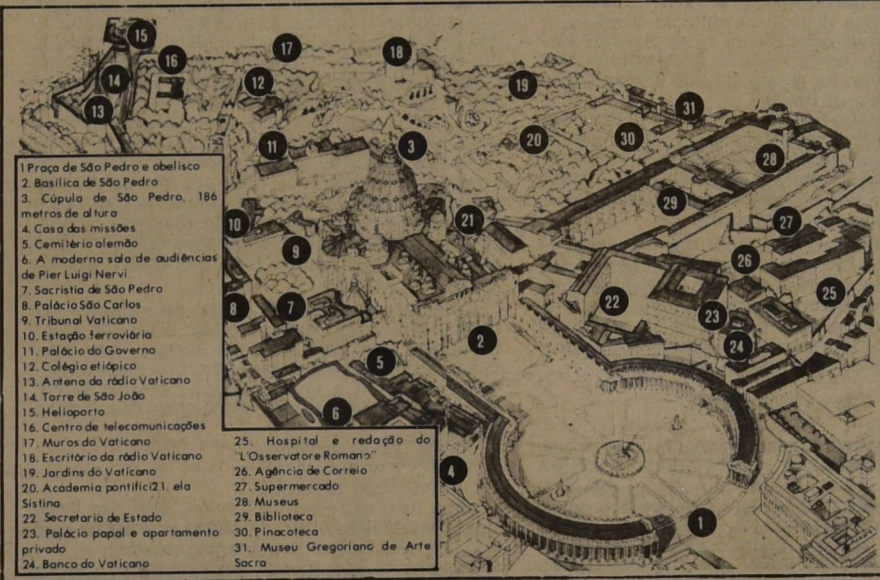
Hoje pela manhã, a reunião da Congregação dos Cardeais, além de tratar dos ritos fúnebres dedicados ao papa morto, certamente também já discutirá a questão da eleição do sucessor de João Paulo 1.º.

A Congregação Geral dos Cardeais deverá reunir-se quase diariamente até marcar a data do próximo conclave que deve ser aberto no mínimo dentro de 15 dias e no máximo dentro de 20, ou seja, entre 14 e 19 de outubro. Até lá todos os 112 cardeais eleitores deverão chegar a Roma. Cerca de 40 já estão aqui, entre os quais os 30 que possuem cargos na Cúria Romana.



O corpo de João Paulo Primeiro, 263.º Papa da Igreja Católica Romana, morto na madrugada de ontem.

UPI



O papa estava em seu palácio (23 no gráfico), quando morreu.

Reação dos romanos é de incredulidade

Do correspondente

A capital italiana foi despertada ontem pela notícia do falecimento do papa João Paulo 1.º. Antes das 8 horas as estações de rádio já a divulgava e pouco depois os dois canais de TV colocavam no ar emissões extraordinárias. As 10 da manhã a edição extra do jornal do Vaticano, "L'Osservatore Romano", já estava nas bancas, exemplo que pouco depois era seguido pelo "Il Tempo", "Paese Sera", "Vita Sera" e outros.

A notícia oficial da morte do pontífice foi divulgada pelo Vaticano, exatamente às 7h42, através de um breve comunicado: "Nesta manhã de 29 de setembro de 1968 por volta da 5h30 o secretário particular do papa, padre Magee, entrou no quarto do papa João Paulo 1.º. Não o tendo encontrado na capela como de hábito, foi procurá-lo no seu quarto e o encontrou morto no leito com a luz acesa, como uma pessoa atenta numa leitura. O médico, imediatamente chamado, constatou o falecimento, por volta das 23 horas de 28 de setembro, por enfarte do miocárdio".

Pouco antes do anúncio oficial, o chefe de imprensa do Vaticano, monsenhor Romeu Pancirolli, telefonara para os chefes de redação dos principais jornais italianos para dar pessoalmente a notícia: "Devo dar uma informação tremenda. O papa está morto", disse mons. Pancirolli ao chefe de redação do "Vita Sera".

ROMA

O dia em Roma amanheceu ensolarado, com temperatura agradável, podendo-se ver pelo chão as primeiras folhas amareladas dos platanos, anunciando o outono.

A notícia se abateu sobre a capital italiana como um turbilhão, provocando de início reações de incredulidade. Na associação de imprensa estrangeira os jornalistas entreolhavam-se atônitos recusando-se de início a acreditar no fato, que se repete com o preciso intervalo de 53 dias. Este correspondente foi acordado pelo telefonema de um colega, às 8h, para comunicar o fato. O colega afinal precisou empregar toda a sua força de persuasão para me convencer de que não se tratava de uma brincadeira. Mesmo assim, só mesmo quando poucos minutos depois ouvi a notícia pelo rádio é que me convenci plenamente da sua veracidade.

VISITAÇÃO

Desde cedo, milhares de fiéis e turistas dirigiram-se para a praça de São Pedro, onde no início da noite de ontem mais de cinco mil pessoas aguardavam em fila para ver o corpo do sumo pontífice que estava exposto à visitação desde às 12 horas. Na fila, esperando pacientemente, um padre norte-americano, com lágrimas nos olhos, falava aos jornalistas sobre o im-

pacto que a notícia lhe provocou poucos dias depois de chegar a Roma.

A todo momento a televisão transmitia imagens do Vaticano, mostrando ora o corpo do papa, que repousa na sala Clementina, ora os fiéis que, na maioria, quando, entrevistados, esvaem-se em prantos. Um sacerdote italiano, funcionário da Cúria Romana, ouvido pelos jornalistas, limitou-se a dizer: "O Senhor fez questão de reservar esta tremenda prova para sua Igreja".

Nas igrejas da capital italiana foi lida a mensagem do cardeal Ugo Poletti, vigário geral do papa para a diocese de Roma, que diz: "Com a alma angustiada cumprio o triste dever de comunicar a morte do Santo papa João Paulo 1.º. Em um mês o falecido Pontífice conseguiu conquistar o afeto de todo o mundo. Toda a diocese de Roma, hoje, de dia e à noite, e depois nos dois dias seguintes, estará de luto".

Outro funcionário da Cúria lembrou que a imensa simpatia do falecido papa já estava levando muito mais gente do que de costume à bênção dominical na praça de São Pedro.

EM VENEZA

A cidade de Veneza soube da morte de seu antigo patriarca, cardeal Albino Luciani, pelo repicar dos sinos da basílica de São Marcos, por volta das 7h30. Mais tarde, na praça da tradicional Igreja, a bandeira italiana era hastead a meio pau por um grupo de gondoleiros com seus trajes típicos.

Ao mesmo tempo, na cidadezinha natal do papa, Canale D'Agordo, na província de Belluno, a cerca de 150 quilômetros ao norte de Veneza, os 1560 habitantes saíam às ruas para comemorar o falecimento de seu mais ilustre concidadão.

"Esta é uma tremenda bordoad a todos nós", disse o vice-prefeito de Canale D'Agordo, para acrescentar que "a morte de Albino Luciani é como a perda de um membro da nossa família".

O irmão do papa, Berto Luciani, pai de 11 filhos, ainda vive na casa paterna em Canale D'Agordo e recebeu as condolências dos moradores da localidade, cujos muros ainda guardam as inscrições de "Viva o Papa", pintadas após a eleição de Albino Luciani, há pouco mais de 30 dias.

Uma legião de repórteres de rádios, TVs e jornais invadiu ontem a pequena cidadezinha, cujos habitantes espantados respondiam ao turbilhão de perguntas que durante todo o dia lhes eram dirigidas.

O vigário local, padre Rinaldo Andrich, ficou sabendo da morte do papa logo após celebrar sua primeira missa do dia. O padre Andrich contou que uma moradora de Canale D'Agordo dirigiu-se a ele em prantos, o que de início o fez supor que estava sendo chamado para dar alguma extrema-união. "No entanto — disse o padre — ela vinha para trazer a trágica notícia".

Só a autópsia dirá se foi hemorragia ou ataque cardíaco

CIDADE DO VATICANO — O papa teria morrido de uma hemorragia cerebral e não de um enfarte do miocárdio. Esta hipótese foi levantada ontem pelos médicos Pier Luigi Prati, chefe do Departamento de Cardiologia do hospital São Camilo de Roma, e Giovanni Alema, chefe do Departamento de Neurologia do mesmo estabelecimento, que solicitaram que seja feita a autópsia do papa.

Embora não haja precedentes de autópsia feita em papas, os médicos consideram que ela é não só "desejável, mas necessária", sendo "um dever da Santa Sé solicitá-la".

Os professores Prati e Alema acreditam que João Paulo 1.º morreu em consequência do mal normalmente conhecido como "stress de executivos", por excesso de cansaço, responsabilidades pesadas e ansiedade, contradizendo o laudo médico do Vaticano que apontara um enfarte do miocárdio como causa de sua morte.

Acreditam também que João Paulo não teve tempo nem força de pedir ajuda de sua cama, o que, na opinião de outros médicos, poderia ter salvo o Sumo Pontífice.

A saúde de João Paulo sempre fora precária, porém não tinha antecedentes de problemas cardíacos. Em sua juventude, foi internado duas vezes para tratamento de tuberculose e operado quatro vezes: para tirar as amígdalas, para recuperar uma fratura no nariz e para retirar pedras da vesícula.

O Sumo Pontífice referiu-se às suas intervenções cirúrgicas em sua última audiência geral, há dois dias, em uma mensagem que procurava transmitir sua "compreensão e amor pelos enfermos".

Seu irmão mais novo, Eduardo Luciani, afirmou que João Paulo, recentemente, sentiu dores no peito e achou que estava com problemas cardíacos mas após rigorosos exames médicos nada foi constatado que pudesse causar alarme.

EMBALSAMAMENTO

Por outro lado, os irmãos Signoracci, encarregados de

preparar o corpo do papa, afirmaram que ele se encontrava em condições ideais para ser embalsamado. Ao contrário de Paulo 6.º, "que sofreu a ação do calor de agosto e de sua doença", o corpo de João Paulo "apresenta apenas um leve escurecimento de pele", afirmaram. Os restos mortais de Paulo 6.º, conforme se lembrou ontem em Roma, começaram a apodrecer muito rapidamente e por várias vezes foi considerada a possibilidade de abreviar sua exposição pública, devido ao mau cheiro.

Contudo, para evitar surpresas, a técnica empregada sofreu alterações. "Trata-se, explicitamente, de uma operação com um sistema químico que não necessita de extração dos órgãos. Opera-se com a maior quantidade possível de sangue, injetando por via arterial e venosa um líquido especial que evita o processo de decomposição".

O ÚLTIMO DIA

O cardeal Villot foi uma das últimas pessoas a verem o papa com vida. Conversou com o Pontífice às 19h de quinta-feira e disse que João Paulo parecia, então estar muito bem. Seu último pronunciamento público foi para um grupo de bispos das Filipinas, onde lembrou a existência de uma vida eterna.

Pela manhã, além do núncio apostólico do Brasil, monsenhor Carmine Rocco, recebeu em audiência, o presidente da Comissão de Justiça e Paz, cardeal Bernardin Gantin.

O padre Magee e outro secretário do papa, padre Diego Lorenzi, jantaram com João Paulo e afirmaram que ele estava alegre e cordial como de costume e não mostrou qualquer sinal de doença ou de fraqueza. Por volta das 21 horas, ele telefonou ao cardeal Colombo, de Milão, um velho amigo, com quem conversou por uma hora.

Quando, às 22 h, um de seus secretários informou sobre a morte a tiros do militante comunista Ivo Zini, de 24 anos, o papa, pesaroso, comentou: "Já se mata ate entre os jovens". Em seguida recolheu-se a seus aposentos.

A sucessão reabre luta de facções

Paulo Francis,
de Nova York

A primeira decisão do papa João Paulo seria qual a atitude do Vaticano em face da reunião dos bispos da América Latina, em Puebla, México, em outubro. Essa conferência dos bispos, por manobra da Cúria, tem por secretário um eclesiástico que foi "trem pagador" da CIA no Chile, carregando 5 milhões de dólares na luta contra Allende. Não quero ser desrespeitoso e deixo de citar nomes. Mas não especulo. Minha fonte é a inestimável comissão Church do Senado, que investigou as trampolinagens da CIA, em 1975. E o redator nota precisamente o que escrevi: que, em 1973, a Cúria (inspirada por Paulo Sexto, com conhecimento dele?) determinou, aparentemente, que a tese da "Teologia da Libertação", adotada pelo episcopado latino-americano, em 1968, tinha "ido longe demais", e, consequentemente, impôs uma "cabeça" à conferência favorável às ditaduras latino-americanas, o que provocou, segundo a comissão Church, de "parte substancial do episcopado brasileiro" grande indignação (sic).

A eleição de Albino Luciani, que apesar de seu indiscutível charme pessoal não tinha obviamente experiência e gabarito intelectual para ser papa nos nossos tempos difíceis, visava a adiar esse conflito e outros, o faccionalismo de que a Igreja tem sofrido desde o aglomramento iniciado por João Vinte e Três. Paulo Sexto quase que encarnava esse conflito no rosto para os que sabiam enxergar. Era obviamente um homem com maus sonhos (o que é coisa de adultos. Pesadelo é coisa de criança), visivelmente atormentado pela complexa herança de João Vinte e Três, em que a Igreja manteria sua hegemonia espiritual, ao mesmo tempo estendendo os braços aos irmãos "separados" e envolvendo-se diretamente na sociedade ao lado da reforma e não da reação. Sempre que escrevo isso intelectuais católicos me lembram a "Rerum Novarum" de Leão Treze, que expressa o interesse da Igreja pelos pobres e oprimidos. Acontece que li a "Rerum Novarum" (1891) e às vezes me pergunto se esses intelectuais sabem do que estão falando. Não há dúvida que essa encíclica papal, num estilo muito mais elegante do que a "Mater et Magistra", "Pacem in Terris" (de João Vinte e Três), ou a "Populorum Progressio", ou "Progressio Populorum", se preferirem (de Paulo Sexto), afirma que o operário tem um direito a ganhar o que lhe baste para sustentar a família e viver decentemente, mas a abordagem de Leão Treze era medieval. A encíclica é, essencialmente, um ataque ao capitalismo do ponto de vista medieval, porque Leão Treze (e a Igreja) consideravam o capitalismo irmão gêmeo do liberalismo, tido como o maior inimigo da Igreja, em suas implicações democráticas de pesquisa científica livre, na qual os textos sagrados não resistiram, perdendo toda e qualquer autenticidade) etc. A "Rerum Novarum" é hostil ao sindicalismo moderno, o que conhecemos. Propõe que os trabalhadores se organizem em associações medievais. E Leão Treze, obviamente, visou a diminuir os excessos de seu antecessor, Pio Nono, que nos brindou com a infalibilidade papal, o dogma da Imaculada Conceição, e, principalmente, o absurdo Syllabus Errorum, que é um ataque dos mais reacionários já escritos a todo progresso social do iluminismo ao século dezenove. Não que o pobre Pio não tivesse seus motivos imediatos e justos, pelas luzes dele. Foi no seu reinado que o Vaticano perdeu o controle da Itália (nacionalistas italianos radicais queriam surrupiar o corpo do papa morto e jogá-lo num rio) e se declarou "prisioneiro" dentro dos 108 alcares do Vaticano, que é hoje o Estado papal.

O tom de João Vinte e Três e de Paulo Sexto é muito diferente do de Leão Treze. Eles já dão de barato a luta de classes, não retendo o menor traço de nostalgia pelo mundo pré-capitalista. O problema de ambos era preservar o que julgavam eterno na composição teológica e material da Igreja sem fugir das prementes realidades sociais do mundo secular. Não é uma tarefa fácil, para dizer o mínimo.

O equilíbrio entre uma coisa e outra, não raro falhado, sob Paulo Sexto, terminou matando-o, e vê-lo nos últimos anos era penoso, pois o homem parecia viver, como disse acima, na carne, seus tormentos intelectuais. Albino Luciani, pelo que sabemos dele, claramente não estava "a altura de tomar decisões tão importantes quanto Paulo Sexto deixou em suspenso. Era um conservador convencional, membro da Cúria sem ser burocrata da Cúria, que não perdia o bom humor em face dos progressistas da Igreja.

Custa a crer, porém, que os 111 cardeais acorrerão novamente a Roma para escolher um novo Luciani. Desta vez, acredito, a ideia de um consenso será testada seriamente. O faccionalismo emergirá às claras e contundente. Conhecemos os líderes dos conservadores, Benelli e Felici. Nenhum dos cardeais progressistas, depois do recolhimento de Franz Koenig (Viena), quer assumir, que sabemos, o papel de porta-voz dos que acreditam na "Teologia da Libertação". E uma pena. Esperemos que esse senhor apareça Deveria vir, pela lógica, da América Latina, onde vivem hoje metade dos católicos do mundo, e que é uma das regiões do mundo onde uma "Teologia da Libertação" cai como uma luva. D. Paulo Evaristo Arns certamente tem tudo para se candidatar ao posto, mas nunca manifestou interesse público nisso, que eu saiba. Seria certamente um candidato que honraria o Brasil e o espírito das duas encíclicas de João Vinte e Três e a "Progresso dos Povos" de Paulo Sexto.

A morte do papa João Paulo 1.º

Breve pontificado do Arauto da Fé

Gerardo Mello Mourão

RIO, (Sucursal) — A doce voz da amiga ao telefone, às seis da manhã, tinha um acento de aflição. Transmítia a notícia, que também ela recebera por telefone de um amigo que a chamara da Alemanha minutos antes: — o Papa amanheceu morto. O calendário do Santoral assinalava a festa de São Miguel Arcanjo, chamado pela liturgia de "Príncipe da Milícia Celeste", e invocado como defensor dos cristãos e da Igreja "contra nequitiem et insidias diaboli" — protetor da fé contra a maldade e as ciladas do demônio. A morte de João Paulo nesse dia, deixando vacante a sede apostólica, parece sugerir a sabedoria do Espírito Santo. Escolheu o Arcanjo para velar pela Igreja enquanto não lhe é dado outro Pontífice.

Eleito a 26 de agosto passado, o início oficial de sua gestão ocorreu no último dia 3, na mais breve e singela cerimônia com que o Vaticano empossou um Papa nos últimos séculos. Seu pontificado de vinte e cinco dias foi, assim, um dos mais curtos da história da Igreja. Essas quatro semanas incompletas, porém, foram suficientes para riscar o perfil apostólico do bom camponês do Vêneto, saído da pobreza de sua aldeia de Forno Di Canale, para o trono de São Pedro.

Ainda na véspera de sua morte, Tristão de Athayde, num corte lapidário de sua figura, expusera o diamante hexagonal de seu pensamento, fundado nessa espécie de "singular pluralidade", que é a doutrina ao mesmo tempo imutável e aberta da Igreja Católica.

Vale à pena repetir os itens do sexto apostolar em que se inclava o roteiro do pontificado de João Paulo 1.º, identificado por Tristão de Athayde em passagem de seu primeiro pronunciamento público. No primeiro item, afirma-se o propósito de "continuar a pôr em prática o Vaticano 2.º". No segundo, assegura-se a decisão de "manter intacta a grande disciplina da Igreja na vida de sacerdotes e fiéis". No terceiro, recorda-se que a evangelização permanece sendo o dever principal da Igreja. No quarto, promete-se "prosseguir no esforço ecumênico". No quinto, até como consequência disto, lembra-se a necessidade de continuar "com paciência e firmeza, no diálogo sereno e construtivo que Paulo 6.º nunca bastante chorado, fixou, inclusive com aqueles que não compartem da nossa fé". E, finalmente, no sexto, a proclamação do empenho incessante da Igreja para que o mundo dilacerado reencontre o caminho de uma paz duradoura e limpa.

A PAZ

Foi talvez este último item — a paz — que golpeou o grande coração do Papa, vítima, ainda nesta semana, de rudes incompreensões sobre seus pronunciamentos em torno do conflito entre árabes e judeus. O mundo parece estar vivendo aquele ciclo quarto da História, denunciado por Empedocles de Agrigento, em que o ódio divide os homens e os povos e barra-lhes o caminho do "sphairos" divino — a esfera do amor, em que todos os seres são chamados a construir o reino da paz.

Ainda também em sua última semana de vida, viu o Pontífice, certamente com amargura, a investida armada pela má fé ou pela incompetência — ou pelas duas juntas — contra a pureza e a ortodoxia de suas colocações teológicas. Até mesmo seu temperamento de pastor de aldeia foi questionado pela imprensa, da qual não se excluem discretas e tolas censuras do venerando "Osservatore Romano" e da Rádio do Vaticano.

Em seu último dia de vida, os jornais de todo o mundo divulgaram a inepta matéria do semanário italiano "Panorama", que se deu ao luxo de ouvir sociólogos, psicanalistas, antropólogos e linguistas sobre a própria ortodoxia teológica do Papa e sobre os aspectos formalísticos de seu simpático comportamento pessoal, marcado por um delicioso toque de afabilidade familiar.

A NATUREZA DA DIVINDADE

Assim é que quando João Paulo nos advertia de que Deus, mais do que o nosso pai, é também nossa mãe, os teólogos de meia-tigela, limitados por uma idéia antropomórfica da divindade, passaram a acusá-lo de estar mudando o sexo de Deus, esquecidos até da visão profética, lembrada, entre outros, por Hoelderlin e por Blake — e tão cara ao poeta Edith Simms — de que "um dia Deus será mulher". Isto é, antes de lembrá-la como justiciera e dominadora, lembremos a divindade como a amorosa figura materna, mais inclinada à misericórdia, ao carinho, ao perdão. O Deus que fez sua glória da salvação e não do castigo de seus filhos. Talvez o Deus do Cântico de Salomão — de quem dizia o rei cantor que "meioce milhora sunt ubera tua vino" — seus seios mais embriagadores do que o vinho, melhores do que o vinho. O que, com perdão da palavra, sugere antes a docura do regaço materno do que o robusto tórax de um pai.

CODIGO DE LINGUAGEM

O Papa que conversava familiarmente com as pessoas da família cristã que o visitavam, que fazia humor e contava histórias de si mesmo e dos outros, com a singeleza com que fazemos todos em nossa própria casa, foi exposto ao julgamento de um antropólogo, ouvido na véspera de sua morte pela revista "Panorama". No pedante entender desse pobre sábio das coisas do mundo — admitindo-se que o seja — João Paulo 1.º tinha "um código de gestos e linguagem banais e elementares". E uma referência sua a Pinocchio, um dos mitos infantis da geração a que pertenceu o Pontífice — bem como "a evocação de sua infância camponesa", foram considerados como "a marca de um Papa que fala como um operário".

Ora, será que Jesus, o Cristo, o filho do carpinteiro, não falou também ele como um operário? Ou terá falado como os fariseus eostetrarcas, os antropólogos e os sociólogos?

Don Miguel Unamuno — ou foi Ortega Gasset? — dizia que os sociólogos não sabem nada. E quando sabem, "a posteriori". Pois é um senhor sociólogo que, na mesma véspera da morte do Papa, diz à mesma revista que João Paulo 1.º tinha apenas "uma cultura fragmentária, acessível somente aos ignorantes". A frase não chega a ser bem compreensível, como de hábito entre os sociólogos, que costumam escrever em sociologuês. Já outro sociólogo, um polonês, pois até na Polônia há sociólogos, sustenta na mesma oportunidade e na mesma publicação, que João Paulo era "uma promessa de revolução", prevenindo "o abandono dos bens materiais da Igreja, o fim da diplomacia do Vaticano, e o Papa morando num apartamento de um subúrbio romano".

Ora, por que sim e por que não? E, na mesma linha de raciocínio, porque não num "Ghetto" de Varsóvia, que já não os tem, ou num conjunto do BNH em Parada de Lucas? Afinal os que desejam um Papa aristocrático e os que desejam um Papa proletário são igualmente ingênuos.

Como se não bastassem os sociólogos e os antropólogos, de dentro de fora da Cortina de Ferro, até os gramáticos foram convocados à vigília da morte de João Paulo. Um deles, o professor F. Sabatini, declarou que o Papa falava uma linguagem própria dos papas. Sua simplicidade, longe de ser a simplicidade natural de um pároco, era uma simplicidade elaborada.

AS VERDADES DA FE

O que ignoram todos esses doutores é que o Papa, seja ele quem for, por obra da graça de estado, é o depositário maior do saber perene da verdade católica e, pois, da teologia cristã.

A teologia tem por princípios e por fundamentos as verdades de fé contidas na escritura e na tradição, e declarada pelos órgãos do magistério. Rigorosamente falando, como ensina Journet, há duas formas de apresentar a doutrina cristã: uma científica ou escolástica, outra, oratória, predicante, "kerigmática". Corresponde esta última ao que os antigos chamavam de retórica — e que, como a retórica, deve ser flexível e mutável, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas.

A teologia escolástica não se conflita com a kerigmática. (a palavra "kerigma" vem do grego, "keruks" — ou quer dizer arauto). O "doutor catholica et veritatis", de que fala Santo Tomás na introdução da Suma, é não apenas o mestre de teologia nas universidades e nos seminários, mas também o padre no meio do povo cristão, dos sábios e dos ignorantes, e que precisa de uma imensa liberdade de meios para instruir os adultos, catequizar as crianças, exortar os enfermos. Os catequistas leigos e especialmente os pais são também chamados ao exercício da teologia. Todo esse leque de ensinamentos e de mestres, na medida em que se guarda sua autenticidade, é que constitui a doutrina cristã. Não é uma doutrina morta e fria, codificada por antropólogos ou sociólogos, mas um feixe de luz que se junta e se dispersa para fulgar em grutas como em panoramas amplos, iluminando a noite do mundo e a noite das almas, de cada alma.

É certo que a teologia doutrinal está guardada na mensagem dos doutores da Igreja que tiveram de defender a divina transcendência do depósito evangélico contra os libelos heréticos ao longo dos tempos. Mas não é menor a grandeza da teologia kerigmática, presente na singela pregação de São Francisco de Assis, de São Domingos, de São Vicente Ferrer, como no canto ardente de São João da Cruz, na Paixão de Santa Catarina de Sena, na Sagrada Loucura de Santa Teresa De Ávila ou nas invectivas e de Leon Bloy e outros "arautos".

O ARAUTO DA FE

João Paulo, ao mesmo tempo em que fixava num dos itens do sexto estabelecido por Tristão de Athayde, a fidelidade a disciplina da fé, isto é, a verdade teológica sistemática, passou pela cátedra de São Pedro como o fulgor de um relâmpago kerigmático. Era o arauto da fé, falando a teologia aberta a todos os seres e todas as horas.

A teologia que se pode valer retoricamente de uma passagem de Dante ou de um conto jocoso da Infância, do humor de Pinocchio ou da memória amarga do filho do pedreiro de uma aldeia do Vêneto, que, feito pontífice, sob as galas da Capela Sixtina, continua o mesmo menino de Forno Di Canale que chorou de alegria a primeira vez que sua família conseguiu comprar um pão branco para comer.

Como Santo Anselmo, de quem o Papa Urbano 2.º diria ser "um herói da doutrina, de virtude intrepida no combate da fé", João Paulo foi um santo profundamente humano. Como Anselmo, apesar de chamado pela Igreja de "Doc-Magnificus", era um homem que gemia sob sua própria fraqueza. "Vejam o que fizeram comigo" — exclamou quando acabaram de elegê-lo Papa.

A rapidez com que passou diante de nossos olhos históricos sua imagem de pastor supremo é capaz de deixar, sobre a identidade de sua face espiritual, de seu mero "ikon", a mesma perplexidade que os historiadores têm sobre o rosto físico do homem Jesus. Na verdade, não há nos Evangelhos uma única passagem sobre as feições humanas do Senhor, a não ser aquela vaga referência de uma epístola de São Pedro à "dynamis" — a força de sua presença física. Mas Dmitri Merejkowski, que tratou longamente do assunto em seu belo livro "Jesus Desconhecido", refere várias passagens dos chamados Evangelhos Apócrifos. Para alguns deles, Jesus trazia estampada no rosto a amarga feitura de todos os sofrimentos humanos, dos pecados que assumiu para o trabalho da redenção. Segundo outros, era de uma beleza deslumbrante, a beleza do príncipe perfeito. Mas a pessoa mais didática é aquela que diz que cada pessoa o via como desejava, ou como merecia vê-lo.

UM PAPA SEGUNDO CADA UM

E assim que há de um passar talvez à História a figura de João Paulo 1.º. Para uns, será um íntegro empedernido, até porque escolheu Rosmini, expressão maior do integrismo na Igreja, para sua tese de doutorado. Para outros, será um conservador direitista, que citou, num de seus primeiros pronunciamentos, uma passagem de "um grande escritor católico espanhol", que logo se identificou como sendo o direitista e conservador Donoso Cortez. Para outros, será um Papa do "Opus Dei", discípulo de Monsenhor Escrivá.

Para outros ainda, como o sociólogo polonês Owalozy, será um revolucionário, que se prepara para vender o museu do Vaticano e a casa de Castel Gandolfo, distribuindo o dinheiro entre os pobres do Terceiro Mundo, e indo morar no subúrbio romano.

Para a Igreja, porém, parece certo que há de ser olhado, em que pese a brevidade de seu reinado, como o Sumo Sacerdote segundo o coração do Cristo. E seis dias não terão sido curtos, porque colocados "sub specie aeternitatis". E desta forma, como na advertência das Escrituras, "consumatus in brevi, espievi tempora multa". Preencheu longos tempos, e por longos tempos será lembrado seu nome, como o cláreo rápido de um relâmpago, que iluminou por instante a verdadeira face da Igreja — a face única e múltipla, composta e aberta como a verdade.



Os quatro últimos papas: da esquerda para a direita: Pío 12, João 23, Paulo 6.º e João Paulo 1.º

Morreu o Papa — viva o Papa!

Decorridos apenas 53 dias depois que o cardeal Villot anunciou a Roma e ao mundo a morte de Paulo 6.º, a 6 de agosto último, novamente os clérigos da Cúria Romana ouviram ontem a exclamação oficial do cardeal-camerlengo:

"Verdadeiramente o Papa está morto".

Albino Luciani, um camponês de Vêneto, filho de um pedreiro socialista, que chegara a cardeal de Veneza e subira o sôlo de São Pedro como o 263.º vigário de Cristo sobre a Terra, eleito a 26 de agosto passado e oficialmente investido dos poderes de Pontífice Romano no dia 3 deste mês, morreu dormindo, em seus aposentos, entre a noite de 28 e 29 de setembro. Luciani, que tomara o nome de João Paulo 1.º — uma surpreendente inovação na onomástica pontifical — estava anunciado nas profecias de São Malaquias sob o codinome de "De Medietate Lunae". Os aficionados à matéria logo o identificaram com a predição: "de medietate lunae" quer dizer "da lua crescente ou minguante". A lua supõe "luz", o nome do eleito era Luciani, que quer dizer o portador da luz, e prenome "albino" que quer dizer "branco". A luz da lua é uma luz esbranquiçada, e assim, mais uma vez deram certo as profecias até na duração fugaz do pontificado: o tempo de uma lua nova.

O certo é que depois do anúncio fúnebre, a Igreja universal estará com a respiração suspensa, pronta para assistir à repetição das cerimônias que, há menos de dois meses, celebraram a morte de Paulo 6.º.

Até que um outro clamor se levante, desta vez em coro, no recesso da Capela Sixtina, e quando a fumaça branca aparecer na janelada Vaticana, com a aclamação jubilosa dos fiéis — "Habemus Papam" — já temos um novo Papa, anunciando a eleição do sucessor de Montini.

Segundo a tradição antiga, a morte do Pap só era anunciada depois de um solene ritual, em que o cardeal-camerlengo lhe golpeava, três vezes a testa com um martelo de prata, para certificar-se de que estava realmente morto. Há já alguns séculos, porém, a certidão de óbito é fornecida por meios científicos correntes.

O PAPA MORTO

A primeira medida tomada depois da morte do Papa é sua comunicação pelo decano do Sacro Colégio — o cardeal mais antigo — aos seus colegas de todo mundo; que compõem o corpo eleitoral com poderes para a eleição do novo Pontífice. A mesma comunicação é feita por ofício ao vigário de Roma, que a transmite oficialmente ao povo através de edital.

Enquanto isso, com toda a pompa e cerimônia, se desenvolvem ritos seculares nos aposentos pontifícios. O cardeal decano arranca do dedo do defunto o anel de pescador e quebra-o a marteladas, juntamente com os selos que autenticavam sua firma.

Em seguida, os penitenciários de São Pedro levam o cadáver, vestem-no com a batina branca, o roquete, a murça, a estola e o camauro, com duas abas caídas de seda ou de veludo vermelho, com duas abas caídas de seda ou de veludo vermelho. O corpo é, então, exposto numa das salas do Vaticano, onde pode ser visto para orações fúnebres.

Vinte e quatro horas depois da morte, os médicos do palácio procedem ao embalsamento, separando-se as vísceras — fígado, coração e baco — as "praecordia" — que se encerram numa urna de cristal cheia de álcool de 90 graus, coberta por uma fronha de seda com o nome do Papa, sendo, então levada para a Igreja de São Vicente e Santo Anastácio, onde se conservam as "praecordia" de todos os Papas embalsamados. Alguns, muito raros, como Pio 10.º, pediram para não ser embalsamados.

Na tarde do segundo dia depois da morte, o cadáver é revestido com os paramentos pontifícios, com ornamentos vermelhos, e é levado processionalmente, acompanhado pelos cardeais criados no pontificado do morto, até a capela do Sacramento, em São Pedro, onde fica exposto durante três dias, cercado por três guardas nobres. Ao cabo desses três dias, o cadáver é encerrado num ataúde madeira de cipreste, coberto o rosto com um lenço de seda e todo o corpo com um pano vermelho. Juntamente com o cadáver, se encerram neste ataúde um elogio do defunto, escrito em lâminas de metal e metido num tubo de cristal, selado, além de três bolsas contendo respectivamente todas as medalhas de ouro, prata e bronze cunhadas em seu pontificado. Depois de lacrado, o ataúde de cipreste é encerrado num caixão de chumbo, sobre o qual se gravam o nome e as armas do Papa, com uma cruz e a caveira de ossos cruzados. Tudo isso, finalmente, é colocado num terceiro caixão, de ouro ou de carvalho, que se deposita no "luclus", ou sepultura provisória que existe na Basílica de São Pedro, até que se construa o túmulo definitivo. A inumação se faz a portas fechadas, na presença de todos os cardeais.

Durante o dia da exposição do cadáver na sala do palácio, se rezam missas pelo Papa defunto. Seguem-se oito dias de funerais solenes, cinco deles na Basílica de São Pedro — Sendo o Papa enterrado no terceiro desses cinco dias — prosseguindo as exéquias por três outros na Capela Sixtina. São, portanto, nove dias de exéquias, chamadas "Novendae", nos quais devem assistir os cardeais criados pelo defunto. Nos solenes funerais, a missa é celebrada por um cardeal, enquanto quatro outros proferem as imprecações absolutórias, diante de todos os cardeais. Terminada a missa, a cerimônia é encerrada com a oração fúnebre.

A ELEIÇÃO DO NOVO PAPA

A partir da morte do Papa, a Igreja é governada pelo Sacro Colégio dos Cardeais, cujos poderes são limitados pela Constituição denominada "Vacante Sede Apostolica". O cardeal camerlengo é investido de poderes administrativos e dá-se início ao processo eleitoral. Este processo sofreu três reformulações profundas ao longo dos séculos, além de dispositivos de vez em quando introduzidos pelos papas reinantes. Nos primeiros tempos, o Papa era eleito pelos presbíteros e diáconos de Roma. Depois, passaram a ser escolhidos pelos imperadores. Mais tarde, pelos cardeais-bispos e eleição do povo romano. Finalmente, desde o Concílio de Latrão (1179), a escolha passou a ser feita unicamente pelo Colégio de Cardeais, dos quais estão excluídos já agora, por decisão de Paulo 6.º, os que alcançaram a idade-limite de 75 anos.

Todos os cardeais, mesmo os incursos em excomunhão, suspensão, interdito ou qualquer censura canônica, têm direito a voto. Os cardeais são proibidos, sob pena de excomunhão, de cabalar votos para qualquer candidato antes da morte do Papa, bem como de se reunir para buscar entendimentos em torno de determinado

quando convocados para o conclave. Uma vez reunidos no Vaticano, estão obrigados a sigilo total e sob rigorosa fiscalização das leis canônicas e de seus eventuais

QUEM PODE SER PAPA

Não é preciso ser sacerdote, nem bispo, nem cardeal, para ser eleito Papa. As condições de elegibilidade são apenas as seguintes: 1 — Ser varão; 2 — Ser batizado; 3 — Ser católico; 4 — Estar no pleno uso da razão. Até João 20, houve diversos leigos eleitos para a função pontifícia, inclusive casados, e até Urbano 6.º alguns simples sacerdotes chegaram ao pontificado.

A convocação do conclave para a eleição deve ser feita no mínimo quinze dias e no máximo dezoito dias depois da morte do Papa. Reunido o conclave, os cardeais ficam reclusos e incommunicáveis em aposentos especialmente preparados no Palácio do Vaticano. Presentes todos os eleitores, dentro dos prazos regulamentares — 15 dias ou 18 dias — começa a votação, em escrutínio secreto, na Capela Sixtina.

O CONCLAVE

Terminados os preparativos para o conclave, passam os mestres de cerimônia pelos corredores dos alojamentos cardinais, agitando campanhas e bradando a ordem convocatória nestes termos: "In capellam, domini" — para a capela, senhores. A capela é a Capela Sixtina, cujos acessos são então todos emparedados por pedreiros, ficando utilizável apenas uma porta, que é fechada com chaves peloadas de dentro e pelo lado de fora. Fica a postos todo um pequeno exército, inclusive alguns cardeais designados como "enfermeiros", que se incumbem de colher o voto lacrado de algum colega enfermo em sua cela ou impossibilitado de mover-se dentro do recinto. Passam pela sala régia, vestidos de púrpura e escoltados pelos soldados e oficiais da guarda palatina.

Entram, primeiro, na sala dos ornamentos, da qual se dirigem à Capela Paulina, cada um deles escoltado por dois guardas suíços, em seus coloridos uniformes desenhados por Rafael. Entoam todos alô a invocação ao Espírito Santo, para que os inspire, cantando-se em coro o hino litúrgico:

"Veni Creator Spiritus mentes tuorum visita et imple superna gratia quae tu crasti pectora" (vem, Espírito Criador, visita a mente dos que são teus, e enche com a graça celestial os corações que criaste).

Seguem todos, depois, em procissão, para a Capela Sixtina, onde, cumpridos os ritos da acomodação, de inspeção do local, o mestre de cerimônia, num brado poderoso, dá a ordem final:

"— Extra omnes" — que quer dizer, "fora todos" os que não são participantes do conclave. Um marechal da guarda fecha por fora, com duas chaves, a única porta não emparedada, e o cardeal camerlengo, fiscalizado por três outros, com outras duas chaves, faz o mesmo por dentro.

Na moldura deslumbrante da Capela Sixtina, cercados e cobertos pelo prestígio imortal dos pinéis de Botticelli e Pinturicchio, de Ghirlandajo e Rosselli, de Perugino e Signorelli, e sobretudo, a espontosa epopeia de Michelangelo pendente do teto como uma visão cósmica e escatológica dos acontecimentos do tempo e da eternidade, sentam-se os eleitores em seus tronos, segundo a hierarquia dos postos e da idade.

Do lado de fora, o séquito de conclavistas não-eleitores, prelados, clérigos e presbíteros de toda ordem, passam o tempo em reuniões religiosas. Entre orações e cânticos litúrgicos, pedindo a iluminação do Espírito Santo para os cardeais. Um pouco também em mexericos e especulações sobre os "papáveis" — os papáveis da eleição. É a torcida apostólica.

Os eleitores se reúnem duas vezes por dia, pela manhã e à tarde. O Papa, na verdade, pode ser escolhido de três formas: — Por aclamação, por compromisso ou por escrutínio. A aclamação ocorre quando, fechada a capela, um cardeal se levanta e exclama, antes de iniciar-se a votação e sem qualquer acordo prévio, em voz alta: "Reverendíssimos senhores: em vista da singular virtude e probidade do reverendíssimo senhor... parece-me que ele deveria ser escolhido Papa e eu, neste momento, o elejo Papa". Se todos se levantarem, ato contínuo, e por unanimidade aclamarem a decisão com a palavra "eligo", que quer dizer "elejo", está escolhido o Papa.

O compromisso ocorre quando, já fechados em reunião, os cardeais acolhem a proposta, também por unanimidade, de algum deles que sugira se outorguem poderes a uma comissão de três, para decidirem por todos.

Mas essas práticas foram raríssimas na história da Igreja e a praxe constan — te é a eleição secreta. Hoje ainda, no tempo em que as assembleias legislativas costumam fazer suas votações por modernos métodos eletrônicos, mediante a simples pressão e um botão que projeta o voto num painel luminoso, os ritos cardinais permanecem imutáveis. Coloca-se uma mesa diante do altar da Capela. Sobre a mesma estão dois cálices de ouro, com duas pátenas e duas bandejas. Os eleitores têm uma cedula na carteira de seu trono. Ninguém pode votar em si próprio. E o voto, embora secreto, é assinado pelo eleitor, e embora seja de tal forma dobrado que ao ser computado pelo escrutinador se lê apenas o nome do sufragado. São designados seis nomes por sorteio, cuja extensão é feita pelo cardeal-diácono mais moderno, dos quais se escolhem três para a função de escrutinadores. O primeiro a votar é o decano, que ergue o polegar diante de todos sua cedula dobrada e selada, sustentada entre o polegar e o indicador. Depois de dobrada, a cedula fica reduzida a uma polegada de largura. O primeiro a votar é o decano do Sacro Colégio, que, com a cedula na mão erguida, se dirige ao altar, ajoelha-se e diz em voz alta a fórmula do juramento: Christum Dominum qui se iudicaturus est eligere, quem secundum Deum Iudico eligi debere. (Tomar por testemunha ao Cristo Senhor que me há de julgar, de que elejo aquele que, segundo Deus, julgo deve eleger-se). Coloca, então, a cedula sobre a pátena, e com ela a recolhe ao cárcere. Inclina-se diante do altar, e volta a seu lugar. Um por um, repetem todos a mesma cena, pela ordem da idade, com precedência para os enfermos, se houver.

Se ninguém tiver alcançado um quorum igual a dois terços mais um dos votantes, a eleição se repetirá tantas vezes quantas forem necessárias. Alcançado o número constitucional, o cardeal-diácono agita a campanha e entram no lugar do escrutínio o sacristão e os mestres de cerimônia. Aproximam-se todos do trono do

eleito, e o cardeal-decano lhe pergunta em voz alta: — "Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?" (aceita tua eleição canonicamente feita para Sumo Pontífice?). Diante da resposta — accepto — (aceito), todos os cardeais abaixam os dosséis de seus tronos, ficando alçado apenas o do eleito, a quem o cardeal decano pergunta: — "Quomodo vis coucari?" — Como queires ser chamado?

Indicado o nome escolhido pelo novo Papa, lavra-se a ata, retiram-se os cardeais e o eleito passa a Sacristia com seus acólitos, para vestir os paramentos de sua nova dignidade, com eles voltando à pompa e circunstância da Capela, onde recebe a primeira adoração dos cardeais, terminada a qual o camerlengo lhe coloca no dedo o anel do pescador.

Ca é, então, ao primeiro cardeal diácono anunciar ao povo reunido na Basílica de São Pedro a grande notícia, com esta fórmula:

"Anuntio vobis gaudium magnum: habemus Papam eminentissimum et reverendissimum dominum N.N., qui sibi nomen imposuit N." (Eu vos anuncio uma grande alegria: temos Papa, o em, et revmo. senhor N.N. que escolheu o nome de N.)

Os sinos de todas as igrejas de Roma e de todas as igrejas do mundo replicam em festa. Do balcão de seu palácio, o novo Papa, acompanhado por solene cortejo, dá a sua primeira bênção universal "Urbi et orbi" — para a cidade e para o mundo.

Um dia, em Cesareia de Philippi, o apóstolo Pedro, que era pescador de profissão, voltou-se entusiasmado para Jesus e disse-lhe: — "Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo". Respondeu-lhe o Mestre: — "Bendito és tu, Simão Bar-Jona, porque nem a carne nem o sangue te revelaram isto, mas meu Pai que está no céu. E eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a Terra será ligado também nos céus, e tudo o que desligares sobre a Terra, será desligado também nos céus".

Estava fundada a Igreja e anunciada a escolha de Pedro como seu chefe, depois da morte de Cristo. Pouco dias depois de sua ascensão, o Senhor confirmaria a primazia de Pedro sobre os demais apóstolos, no episódio comovedor do lago de Tiberíades, quando Jesus perguntou ao rude e apaixonado pescador que o seguia:

— "Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?" Respondeu Pedro: "Sim Senhor, tu sabes que eute amo". Ele lhe diz: — "Apascenta os meus cordeiros!" Pergunta-lhe outra vez: — "Simão, filho de João, tu me amas?" — Responde-lhe: — "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Ele lhe diz: — "Apascenta os meus cordeiros". Pergunta-lhe terceira vez: — "Simão, filho de João, tu me amas?". Disse-lhe — "Apascenta as minhas ovelhas".

Feito, depois, bispo de Roma, todos os seus sucessores ficaram investidos do mandato supremo. São a cabeça visível da Igreja, cumprindo a palavra do evangelho, segundo a qual há de haver uma só fé, um só rebanho e um só pastor.

Para o exercício deste primado, da função de vigário de Cristo sobre a Terra, parece evidente que a palavra do Papa deve ser tão infalível como a do Senhor a quem representa. Se assim não fosse, sua representação não seria legítima nem valiosa. E é por isso que a Igreja, fiel à tradição dos tempos primitivos e atenta à necessidade da missão de guardar a unidade da fé, estabeleceu no Concílio Vaticano 1.º o dogma da infalibilidade papal. O Papa é infalível, isto é, não pode errar. Pobre e frágil ser humano, como todos nós, é óbvio que, como pessoa privada, como sacerdote, como bispo, até como Papa, pode errar e enganar-se e está sujeito a todas as misérias a que qualquer homem esteja exposto.

Sua infalibilidade, porém, é um dogma de fé e uma conclusão lógica da própria razão e da lógica para os que admitem a validade dos evangelhos e a divindade de Jesus Cristo, quando ele fala "ex cathedra". Falar "ex cathedra", quer dizer falar de sua cadeira como sucessor de Pedro. Para que isso ocorra, para que haja infalibilidade na palavra do Papa, para que ele fale "ex cathedra", são indispensáveis as seguintes condições:

1 — Que o Papa fale não como doutor privado, mas como pastor e mestre universal da Igreja.

2 — Que fale no exercício de sua autoridade doutrinária, com o propósito de estabelecer uma sentença definitiva;

3 — Que sua palavra seja um ensinamento dirigido à Igreja universal.

4 — Que sua palavra se limite a um ensinamento referente à fé aos costumes.

Fora daí, o Papa é um ser humano como todos nós, passível de todos os erros, desamparado como todos nós à debilidade da condição de pecadores, embora superiormente amparado pela graça de seu estado. O objeto da infalibilidade pontifical é o depósito da verdade revelada. O Espírito Santo não revela novas verdades ao Pontífice Romano, mas o assiste para que guarde e interprete finalmente as verdades já reveladas e comunicadas por Jesus Cristo aos apóstolos.

O MAIS PODEROSO DOS GOVERNANTES

Um dia chamaram a atenção de Stalin para as resistências que o Papa trataria de opor às suas estratégias na Europa e no mundo. O antigo seminarista da Geórgia, que se tornara ditador supremo da União Soviética, perguntou com certo desdém: — "Quantas divisões tem o Pap?"

O frágil rei da batina branca, que até teve no passado grandes poderes temporais sobre várias províncias da Itália e que, com uma excomunhão podia derrubar um monarca em quase todos os países da Europa; esse rei sem canhões e sem bomba atômica que já funcionou como árbitro da tribuna internacional que julgava as nações, que dividia as terras e países e que, em nome da chamada "Herança de São Pedro", a qual pertenciam todas as ilhas e terras ainda não descobertas, dividiu o novo mundo entre os reis de Espanha e Portugal — esse rei sem esquadras e sem aviões, possui hoje apenas, como expressão de seu poder temporal, os 108,7 acres de terra doados por Mussolini para quem nele se estabelecesse o Estado soberano do Vaticano. Nesse território liliputiano, com cerca de 1.000 habitantes, dos quais 110 são os soldados ornamentais da Guarda Suíça e 150 são genandarmes ocupados na vigilância do museu e dos tesouros da arte da basílica e do palácio residencial, o resto da população é de eclesiásticos e alguns serviços.

A morte do papa João Paulo 1.º

Papa deve ser mais jovem

O mundo reage à notícia: 'inacreditável'

NOVA YORK — Católicos e não católicos expressaramontem em todo o mundo seu pesar diante da súbita morte do papa João Paulo 1.º e elogiaram o calor humano, o amor e a fé que caracterizaram seu curto pontificado.

Tanto em círculos governamentais como religiosos, em países católicos, não católicos, capitalistas e comunistas, a notícia provocou reação imediata.

O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, prestou homenagem ao papa que, disse, "conseguiu a simpatia do mundo" devido ao "calor humano de sua personalidade e sua compreensão em relação à vida da gente humilde. Todos nós ficamos empobrecidos com sua morte".

"Nas poucas semanas de seu pontificado, o papa cumpriu sua promessa de combinar as mais altas virtudes dos seus dois predecessores, ao reafirmar o que é permanente e forte na Igreja católica e ao mesmo tempo ampliar as fronteiras da Igreja diante das exigências do mundo moderno", afirmou o comunicado divulgado pela Casa Branca.

O vice-presidente, Walter Mondale, por sua vez, revelou que minutos antes de ser anunciada a morte de João Paulo, a Casa Branca recebeu uma carta de felicitações pelo exitosa conferência de Camp David, enviada pelo papa. Mondale, que representou seu país nas cerimônias de entronização de João Paulo, disse que o papa "estava tremendamente inquieto pela devastação da guerra civil no Líbano", acrescentando que a notícia de sua morte é "triste, chocante e até inacreditável".

Em Moscou, a agência oficial de notícias Tass anunciou brevemente o falecimento. Adeleção ortodoxa russa aos funerais de Paulo 6.º foi chefiada pelo metropolita de Leningrado, Nikodim, que faleceu em Roma, durante uma audiência com o João Paulo, no dia 5 de setembro. O metropolita, que pouco antes havia celebrado uma liturgia ortodoxa dentro do Vaticano, um fato sem precedentes, recebeu os últimos sacramentos das mãos do papa.

NA EUROPA

Todos os jornais espanhóis publicaram edições estras sobre a morte do papa, enquanto o rei Juan Carlos e o premiê Adolfo Suarez enviaram mensagens de pêsames ao cardeal Villot, secretário de Estado do Vaticano. Suarez declarou não ter palavras para expressar o impacto causado pelo acontecimento que lhe foi transmitido no aeroporto de Madri, onde fora acompanhar o rei belga que concluiu uma viagem oficial à Espanha.

O rei João Carlos, por sua vez, disse que sentiu-se como se fosse feito de pedra, ao receber a notícia. O cardeal Vicente Enrique y Tarancón, presidente da Conferência Episcopal Espanhola, manifestou a grande esperança do mundo católico no novo papa, que caracterizou como o "papa do sorriso e da felicidade".

O cardeal Basil Hume, primaz da Igreja Católica da Inglaterra, declarou que "o único pensamento que tenho é a memória de um homem muito humilde, com um sorriso encantador". Mais enfático o portavoz do arcebispo de Canterbury, afirmou que a morte do papa João Paulo "fará tremer o mundo".

A rainha Elizabeth, que se encontrava na Escócia, enviou mensagem ao Vaticano salientando que "a humildade e a gentileza demonstradas por Sua Santidade continuarão a ser uma recordação duradoura e inspiradora".

Em Genebra, as bandeiras das Nações Unidas e dos 150 países da ONU, foram hasteadas a meio pau em sinal de luto e a sessão matutina da Assembleia Geral foi iniciada com um minuto de silêncio em homenagem a sua memória. O secretário geral Kurt Waldheim manifestou-se "profundamente surpreso e entristecido", afirmando que se trata de "uma prova penosa para a igreja e para todos os que trabalham pela paz e justiça no nosso transtornado mundo".

Também o chefe de Estado e secretário geral do Partido Comunista da Alemanha Oriental telegrafou à tarde para o cardeal Villot expressando, "em nome do povo da República e no meu pessoal" seu pesar.

Em Bonn, o cardeal Joseph Höffner, presidente da Conferência Mundial dos Bispos da RFA, considerou a morte de João Paulo "uma dolorosa resolução de Deus, algo que supera a compreensão humana".

TRADICIONALISTAS

Também para o cardeal François Marty, arcebispo de Paris, "os caminhos do Senhor são desconcertantes para as nossas perspectivas humanas". Tanto o presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing como o governo alemão enviaram mensagens de condolências ao Vaticano. As autoridades francesas disseram que a morte do Sumo Pontífice representava o cancelamento da planejada visita de Giscard a Roma, marca para 25 de outubro.

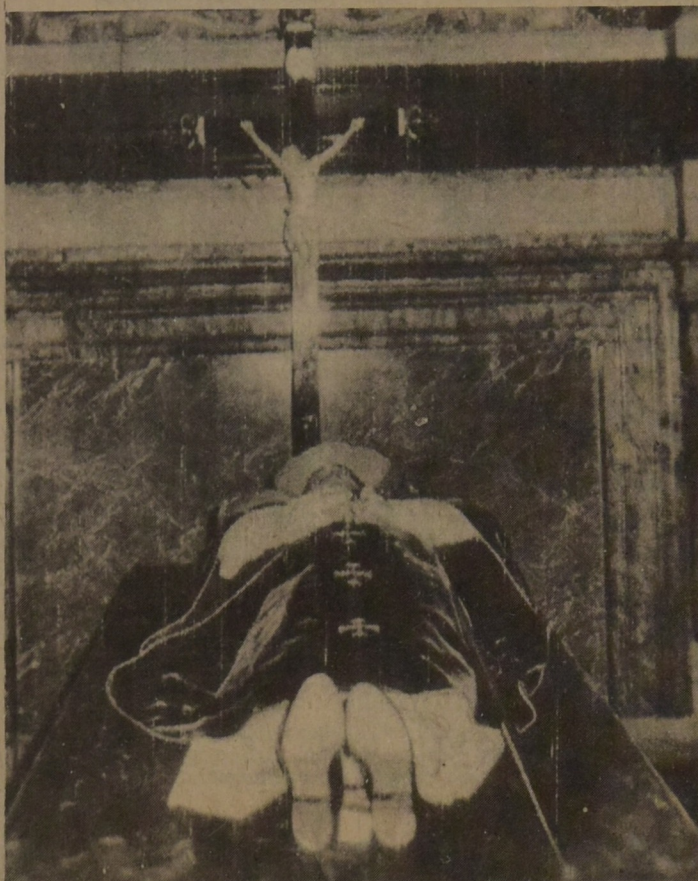
Em Lisboa, o premiê Alfredo Nobre da Costa disse que o acontecimento "encerra um pontificado que teria contribuído para a paz no mundo através da tolerância e do entendimento entre os homens".

Para os padres tradicionalistas franceses, contudo, a morte do papa foi um sinal de que Deus não o queria para chefe da Igreja, conforme declarou ontem o padre François Coache, líder da ala conservadora. "A providência não quis ratificar a escolha dos cardeais no dia 26 de agosto porque o conclave se realizou sem a participação dos cardeais de mais de 80 anos", disse Coache.

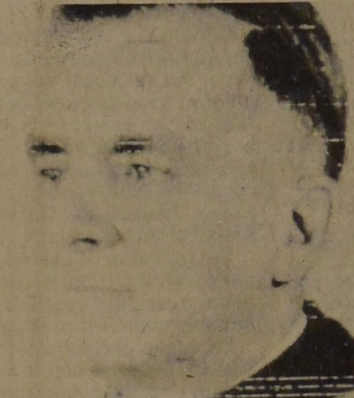
"João Paulo 1.º aboliu o rito da coroação, adotou um nome curioso e não demonstrou a decisão de endireitar a Igreja que Paulo 6.º mergulhou na depressão, finalizou.

Já o padre François Ducaud-Bourget, partidário do arcebispo conservador Marcel Lefebvre, declarou: "Os agentes de Satanás em carne e osso são talvez as causas desses dois ataques cardíacos que ocorreram em tão pouco tempo no Vaticano".

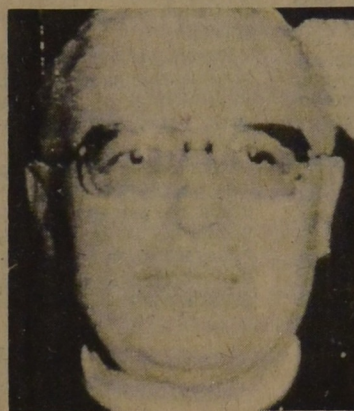
Da mesma maneira como milhares de pessoas em todo mundo, o cardeal holandês Jam Willebrands, primaz de Amsterdã, achou de início "inacreditável" a notícia da morte do papa. "Não acreditou ao receber a notícia, era tão inacreditável que pedi uma ligação telefônica imediata para o Vaticano", disse ele.



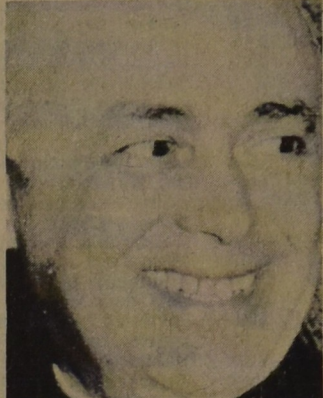
O corpo do papa João Paulo 1.º foi velado ontem por mais de cem mil pessoas na Sala Clementina, no Vaticano.



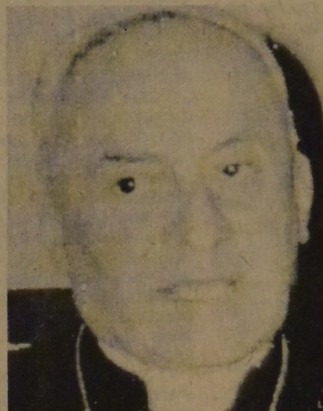
Cardeal Salvatore Pappalardo, de Palermo.



Cardeal Ugo Poletti, vigário do papa em Roma.



Cardeal Giovanni Benelli, de Florença.



Cardeal Sergio Pignedoli.

Pertini decreta luto na Itália

A primeira reação oficial na Itália à morte do papa João Paulo 1.º, foi a decretação de luto em todo o país, por parte do presidente da República, Sandro Pertini. O presidente também enviou uma nota de pesar ao decano do Sacro Colégio, cardeal Confalonieri.

"Exprimo a Vossa Eminência e ao Sacro Colégio — diz a nota de Pertini — a profunda comoção minha e do povo italiano, pela fulminante interrupção de um pontificado que se anunciava intenso de espiritualidade e de iniciativas operosas pela paz e fraternidade entre os povos, e o qual a Humanidade olhava com grande esperança. Com este sentimento de sincera participação no luto da Igreja, queira Vossa Eminência acolher a expressão de condolência minha e da nação italiana".

Em nome da Democracia Cristã, o presidente do partido, Benigno Zaccagnini, manifestou seu pesar.

"A Democracia Cristã participa comovida do luto da Igreja pela morte do papa João Paulo 1.º. Seu breve mas intenso pontificado já tinha afirmado a linha de um magistério que com a simplicidade do diálogo sabia levar ao ânimo de todos os homens o valor evangélico tão necessário hoje num mundo que se mostra incapaz de encontrar a forma de uma convivência pacífica."

O Partido Comunista, através de

seu presidente Luigi Longo e do secretário-geral Enrico Berlinguer, enviou a seguinte mensagem ao Vaticano: "O imprevisto desaparecimento do papa João Paulo 1.º é profundamente doloroso. Pedimos que acolha os sentimentos de condolências que, em nome do Partido Comunista Italiano, exprimimos pelo gravíssimo luto que golpeia a Igreja Católica".

O líder do Movimento Social Italiano (MSI — neofascista), Giorgio Almiranti, enviou mensagem de pesar, da mesma forma que o presidente do Senado, Amintore Fanfani, o presidente da Câmara, Pietro Ingrao, e outras autoridades e expressões políticas italianas.

Uma greve nacional de 24 horas dos assistentes de voo da empresa aérea italiana Alitalia foi suspensa ontem nove horas após ter sido desencadeada, em consequência da morte do papa.

O pessoal de bordo da Alitalia iniciou à zero hora de ontem sua quarta greve de 24 horas neste mês para exigir melhores salários e menos horas de trabalho. Nove horas depois a greve foi suspensa. O Sindicato dos Aeroviários, que decretou a paralisação, disse que as aeromocês e os assistentes de voo da empresa decidiram reassumir seus postos para não causar dificuldades aos cardeais e a outras pessoas que viajarão a Roma para assistir às cerimônias fúnebres do pontífice.

Um estilo descontraído no rápido pontificado

Do Correspondente

O "papa sorridente", como passou a ser chamado de forma carinhosa pela imprensa italiana o cardeal Albino Luciani, após assumir a chefia da Igreja Católica sob o nome de João Paulo 1.º, não reinou mais do que 33 dias. Seu pontificado permaneceu e quase certamente permanecerá um enigma. Apontado por alguns como tradicionalista e reacionário e por outros, como moderadamente progressista, a verdade é que em seus poucos dias de reinado cativou a simpatia dos fiéis agindo antes como um pastor do que como um político. Aliás, as condições de pastor e italiano foram as duas que os cardeais eleitores do último conclave tinham com imprescindíveis para o então futuro papa.

Seu sorriso e maneiras suaves levavam a cada semana mais fiéis à bênção dominical da praça de São Pedro.

Nas audiências coletivas por duas vezes convocou crianças para, através do diálogo, auxiliá-lo na sua pregação. Em sua última audiência, a que esteve presente um grupo de enfermeiros, falara das quatro operações que já sofrera, sem entretanto fazer qualquer referência a problemas de saúde que estaria enfrentando no momento.

Da meteórica passagem de João Paulo 1.º pelo topo da organização da Igreja, certamente ficará a lembrança do estilo descontraído que impôs à ação pontifical, a começar pelo primeiro dia de pontificado, quando surpreendentemente fez a primeira indiscrição sobre o conclave que o elegeu, narrando como os cardeais que o ladeavam dirigiram-lhe palavras de encorajamento, após sua escolha.

Também na lembrança dos católicos ficarão os traços de simplicidade rasgadamente humana, repleta de sentimentalismo, que parecia nortear todas as ações e

gestos de João Paulo 1.º. Recorde-se que já ao assumir a chefia da Igreja recusou a cerimônia pomposa e de circunstância de coroação, preferindo um simples rito de entronização na praça de São Pedro, para onde foi a pé recusando-se a ser carregado no trono papal.

São poucos os juízos filosóficos ou políticos que ficam de seu reinado. Preferia os temas comuns, tratando-os em suas alocuções com palavras também comuns. De qualquer forma, fez nos primeiros dias de pontificado uma vigorosa condenação da violência do mundo de hoje e, mais recentemente, surpreendeu seus ouvintes com uma contundente assertiva sobre a propriedade privada, afirmando que esta "não é um direito absoluto", principalmente quando cercada de pobreza.

Para os especialistas em Vaticano, o pontificado de João Paulo 1.º teria como primeira linha programática uma aplicação equilibrada dos preceitos renovadores do Concílio Vaticano 2.º aliada a um grande empenho para a consolidação da "grande disciplina" da Igreja. Se esta interpretação é verdadeira, provavelmente jamais se saberá. A menos que o testamento do papa falecido contenha as chaves para decifrar este enigma.

Em Piracicaba o primeiro ofício

PIRACICABA (Do correspondente) — O primeiro ofício que o Papa João Paulo 1.º enviou para o exilado foi para a cidade de Piracicaba, em agradecimento ao telex enviado pelo prefeito João Herman Neto, que congratulava-se pela posse do novo papa.

O ofício número 1 para o Brasil, foi enviado no dia 23 de setembro, pela Secretaria de Estado do Vaticano.

Cardeais lamentam desaparecimento de João Paulo 1.º

ROMA — A morte instantânea do papa deve ser vista como uma advertência à sobrecarga física e psíquica a que está submetido um papa e como um aviso sobre a necessidade de, no futuro, diminuir esta carga que pesa sobre o Sumo Pontífice", declarou ontem o cardeal-arcebispo de Viena, dom Franziskus Koenig, após ser informado da morte do papa João Paulo 1.º.

Apontado como um dos "grandes eleitores" de João Paulo 1.º, Koenig disse que o futuro pontífice "deverá ser um papa da esperança, da alegria e da confiança. Mas é difícil encontrar um sucessor para Albino Luciani".

Outro cardeal, Giovanni Benelli, também considerado um dos principais partidários da eleição de João Paulo, declarou que "a Igreja teve a sorte de resolver rapidamente um problema tão grave como a eleição imediata do novo pontífice. Uma eleição em curto espaço de tempo; o homem justo no momento justo, adaptado ao nosso tempo e que nos foi tirado assim tão imprevistamente. Mas precisamos lembrar — acrescentou — que a vontade de Deus não está ao nosso alcance e não conhecemos nem podemos individualizar os seus ditames".

"DRAMA PARA A IGREJA". Já o cardeal Corrado Ursi, presidente da Conferência Nacional dos Bispos da Campanha e arcebispo de Nápoles, afirmou que a morte de João Paulo 1.º é "um drama para a Igreja. Tinha sido entrevistado um pontificado do papa João Paulo 1.º num aspecto ainda mais luminoso da Igreja do Concílio, na linha do caminho empreendido pelos papas que o precederam. O Senhor limitou-o a um só mês de tempo. Foi bastante fulgente".

O cardeal Giovanni Colombo, arcebispo de Milão, havia conversado pelo telefone quarta-feira à noite com o papa, e ontem declarou: "João Paulo 1.º falou-me durante bastante tempo e com tom normalíssimo do qual não transpirava nenhum cansaço e no qual não era possível deduzir nenhum mal-estar físico; sua saúde final invocava orações e estava cheio de serenidade e esperança".

Segundo o cardeal Colombo, "este papa como um sopro tinha conquistado o coração de todos e especialmente os dos humildes de todo o mundo. Agora, João Paulo 1.º, com um sopro, passou, mas sua aparição, depois do alto magistério e da imponente ação mundial de Paulo 6.º, por muito breve que tenha sido, bastou para deixar um rastro de luz suave, um perfume de bondade sorridente, um aroma tenaz de verdade, que certamente não poderemos esquecer".

"SEM AVISO PRÉVIO"

O arcebispo de Gênova, cardeal Giuseppe Siri, assim comunicou aos fiéis a morte de João Paulo 1.º: "Seu espírito gentil, sua constituição frágil não registraram a tarefa gigantesca e seu coração, sem aviso prévio, cessou de bater. Era bom, sabido, roguemos por sua paz eterna".

Ugo Poletti, vigário geral do papa para a Diocese de Roma, declarou que "em um mês o falecido pontífice havia conquistado o afeto dos cristãos: seu pontificado havia sido recebido como um sinal de confiança em todo o mundo". Por sua vez, o presidente da Conferência Nacional dos Bis-

Pedro Del Picchia de Roma

Tem-se como quase certo entre os especialistas em Vaticano que no conclave que deve iniciar-se entre 14 e 19 de outubro para a escolha do sucessor de João Paulo 1, será mantido o mesmo critério que norteou a escolha do então patriarca de Veneza, Albino Luciani, no dia 26 de agosto. Na ocasião, os "grandes eleitores", — aqueles de maior influência entre os 112 cardeais que participam do conclave — chegaram ao acordo de que o novo papa deveria ser um italiano, porém antes de tudo um "pastor". Ou seja, excluía-se a hipótese de um papa "político".

Como a situação da Igreja nesses 33 dias que nos separam da eleição de João Paulo não sofreu qualquer alteração, acredita-se que o mesmo critério deva prevalecer. Quer dizer, que em princípio o próximo papa será um "pastor", com experiência direta com as bases de igreja, os fiéis.

Dessa forma, já fica amplamente reduzida a lista dos possíveis nomes para a sucessão papal, excluindo-se, de início, um grande número de cardeais italianos com responsabilidades políticas e diplomáticas e que há muito estão afastados da pregação da fé e do trabalho pastoral.

Ainda ontem, o cardeal de Viena, Franz Koenig, lançou desde Helsínque, onde se encontra, uma proposta que já poderia ser considerada como mais um critério para a seleção do novo sumo pontífice. Koenig, que foi um dos mais influentes cardeais do último conclave, afirmou que se deve pensar em aliviar a carga de trabalho do papa, mas também deve-se pensar em escolher um homem que seja capaz de resistir a essa carga. Indiretamente o cardeal de Viena sugeriu que o próximo papa seja mais jovem que seus antecessores e, principalmente, goze de boa saúde.

Levando em conta esse critério, um especialista em Vaticano, da agência ANSA, Federico Mandillo, elaborou uma primeira lista dos "papabili", que contempla os cardeais Benelli, arcebispo de Florença, Pappalardo, cardeal de Palermo e Ballestrero, de Turim.

Mandillo também faz uma relação de cardeais italianos com responsabilidades pastorais, ou seja, que exercem as funções de bispo:

Giovanni Colombo, de Milão, que fará 76 anos de idade em dezembro; Giuseppe Siri, de Gênova, 72 anos; Giovanni Benelli, de Florença, 57 anos; Ugo Poletti, vigário do papa em Roma desde 1973, 64 anos; Corrado Ursi, de Nápoles, 70 anos e Salvatore Pappalardo, de Palermo, 60 anos.

Há ainda dois cardeais que embora não exercendo funções pastorais estão nas primeiras listas de papáveis. São eles Sergio Pignedoli, que goza de grande prestígio entre os bispos africanos, e o ex-Núncio Apostólico no Brasil, Sebastiano Baggio, tido como homem de grande competência no trato de questões latino-americanas.

Finalmente, volta-se a falar — nessas listas prévias — no argentino Eduardo Pirónio e no brasileiro Aloisio Lorscheider.

Falecimento provoca mais um golpe nas finanças da Igreja

CIDADE DO VATICANO — O súbito falecimento do papa João Paulo 1.º será um rude golpe para as finanças do Vaticano, após o desmonte, há pouco mais de um mês, de cerca de 4,5 milhões de dólares pelas exéquias do papa Paulo 6.º, o conclave e a entronização de João Paulo. Uma quantia equivalente deverá ser gasta agora para fazer frente à nova situação.

As arcas do Vaticano não são tão opulentas como tendem a considerar certos cálculos, afirmou-se ontem em Roma. Sinal disso seriam os recenec cortes das gratificações concedidas pela Santa Sé a todos seus empregados por ocasião do falecimento de um papa.

Estes perceberam uma dupla mensalidade pelo falecimento de Paulo 6.º mas João Paulo 1.º só os gratificou por ocasião de sua entronização com cerca de 230 dólares por pessoa, sem distinção de cargo, para marcar seu caráter pobre e equitativo.

O patrimônio da Santa Sé, encarregado dos gastos do Vaticano, administra um fundo móvel de cerca de 120 milhões de dólares e uma parte das propriedades imóveis do Vaticano. A fortuna global da Santa Sé, segundo os cálculos, ascende a 9 bilhões de dólares mas este capital sofre uma constante erosão.

Entre os ingressos tradicionais do Vaticano figuram as ofertas para o culto na basílica de São Pedro e os obólus dos peregrinos, mas desde João 23 esta soma caiu de 12 a 15 milhões de dólares a 4 milhões.

As profecias de São Malaquias: só mais três papas

GERARDO MELLO MOURAO

A palavra Papa, que designa o chefe universal da Igreja Católica, vem do grego — pappas — que quer dizer pai, ou mais exatamente, avô, isto é, o pai dos pais. Pois, até os tempos de Gregório 7.º, o título de Papa — pai — era dado a todos os bispos. Só a partir daquele pontífice passou a ser de uso privativo do bispo de Roma, cabeça da Igreja.

O Papa, como todos os bispos, tem o título de pontífice, é o Sumo Pontífice. Pontífice quer dizer o fazedor de pontes, porque os bispos são a ponte entre Deus e os homens. Entre o tempo e a eternidade.

Muitos outros títulos são atribuídos ao Papa. Mas o que todos eles usam pessoalmente quando se dirigem aos fiéis é o de "servus servorum Dei" — servo dos servos de Deus.

Segundo uma profecia dita como de São Malaquias, um bispo irlandês (1094-1148), cujo nome original era Mahelmaed Hoc O'Morgair, a partir de seu contemporâneo Celestino 2.º, haveria na Igreja apenas mais 111 Papas. A cada um deles, o estranho profeta deu um codinome, como se diria hoje, que se adapta surpreendentemente aos nomes verdadeiros dos pontífices até aqui eleitos. De acordo com essa profecia, o sucessor de Paulo 6.º tem o nome de "de medietate lunae" — que pode ser traduzido por "da lua em crescente", ou "em minguante", salvo melhor decodificação. E ainda de acordo com a profecia de São Malaquias, que não é oficialmente reconhecida pela Igreja, mas que tem sido cumprida de maneira impressionante, o próximo será o antepenúltimo papa.

pos da Itália, cardeal Antonio Parma, afirmou que a eleição do cardeal Albino Luciani, "havia difundido alegria e esperança".

O decano do Sacro Colégio, cardeal Carlo Confalonieri, em entrevista à televisão italiana após a morte do papa, disse: "Ninguém esperava. Foi uma surpresa que nos golpeou. Uma grande dor."

"Soube que o papa tinha morrido pouco depois das cinco e meia. Fui chamado por telefone pelo cardeal Villot. Fui aos aposentos do papa e o encontrei na cama, caído para o lado direito, com seu habitual sorriso. Rezei, beijei sua mão e fui oficial missa na capela do Santo Padre".

A morte do papa João Paulo 1.º

América Latina recebe a notícia com consternação

ROMA — “Um choque tremendo”. Assim foi definida, nos meios diplomáticos latino-americanos de Roma, a morte repentina do papa

João Paulo 1.º. Os embaixadores latino-americanos creditados na Santa Sé demonstravam um carinho especial pelo “Papa sorridente”.

Cada um dos embaixadores havia visto o Papa apenas uma vez nos 33 dias de seu pontificado. Ontem, poucas horas depois da morte do Papa, eles preferiram não fazer declarações oficiais. Fecharam-se em suas embaixadas e fizeram muitos telefonemas. Nos meios diplomáticos latino-americanos circulava há alguns dias o desejo de vários embaixadores solicitarem audiências privadas com João Paulo 1.º para colocá-lo a par da situação na América Latina.

Em todo o continente latino-americano, a morte do Papa foi recebida com esportânea e sincera demonstração de consternação, segundo a agência “The Associated Press”. O governo venezuelano decretou três dias de luto, a partir de ontem, com a bandeira nacional hasteada a meio-pau em todos os edifícios públicos do país. O presidente Carlos Andrés Peres enviou um telegrama ao cardeal venezuelano José Humberto Quintero, que está atualmente na cidade do Vaticano, expressando sua “mais profunda e sincera condolência pelo súbito falecimento de Sua Santidade João Paulo 1.º”. Surpreendido com a morte do Papa, o arcebispo pri-

mado do México, Ernesto Corripio Ahumada, pediu à Igreja mexicana que “não tenha desalento nem desconfiança. A missão da Igreja, guiada por Jesus Cristo, se cumprirá, apesar de tudo”. O México observará três dias de luto. Ontem de manhã, os sinos repicaram na Catedral de Guadalajara, enquanto milhares de fiéis se dirigiam para as igrejas.

Em Cuba, a notícia da morte do Papa João Paulo 1.º foi divulgada pelas rádios por um despacho da agência soviética Tass. A notícia, não muito extensa, foi acompanhada de uma breve biografia do Pontífice falecido anteontem à noite.

O presidente do Peru, Francisco Morales Bermúdez, enviou ontem uma mensagem à Santa Sé, expressando seu pesar pela morte do Papa: “Cumpro o penoso dever de fazer chegar à Vossa Eminência Reverendíssima, em nome do governo e do povo peruanos, as expressões do mais profundo pesar com motivo do falecimento de Sua Santidade, que põe término a uma gestão pastoral que havia levantado fundadas expectativas no mundo católico, por estar inspirada no elevado propósito de continuar a obra de seus dois ilustres antecessores.

O comandante em chefe da Força Aérea argentina — e membro da junta militar — brigadeiro Ramon Agosti, disse que “é uma grande perda para todos, especialmente para os cristãos, a morte de João Paulo 1.º”. Agosti fez essas declarações ao abandonar a Cúria Metropolitana de Buenos Aires, onde foi expressar suas condolências ao Nuncio Apostólico D. Pio Laghi.

“João Paulo 1.º morreu deixando a luz acesa não somente no seu quarto, mas em toda a Igreja”, disse o arcebispo de São Salvador, Monsenhor Oscar A. Romero. Falando pela Rádio Católica, monsenhor Romero expressou sua dor pela morte do Papa, enfatizando que “em tão pouco tempo pude testemunhar seu amor pelos pobres e sua solidariedade”.

O governo de Porto Rico decretou luto em todo o país até o dia do enterro de João Paulo 1.º, com as bandeiras hasteadas a meio-pau em todos os edifícios públicos. O governador Carlos Romero Barcelo qualificou o Papa morto como “o mais expressivo apóstolo da cristandade”.

O presidente do Chile, Augusto Pinochet, enviou ontem uma mensagem de condolência ao decano do Colégio Cardenalício, Carlos Confalonieri, ressaltando que a “triste notícia nos deixou dolorosamente consternados e elevamos nossas preces ao Altíssimo para que receba a sua direita, o Santo Padre que nos guiará e iluminará”.

Na Bolívia, milhares de pessoas ficaram em casa para ouvir pelas rádios a notícia da morte do Papa.

Nos demais países latino-americanos, a notícia da morte do Papa João Paulo 1.º foi recebida com profundo pesar

CELAM decide adiar encontro de Puebla

BOGOTÁ — A Terceira Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), que deveria ser realizada entre os dias 12 e 18 de outubro na cidade mexicana de Puebla, foi adiada por tempo indeterminado em consequência da morte do papa João Paulo 1.º, informou ontem oficialmente em Medellín o secretário-geral do organismo, dom Alfonso Lopez Trujillo, da Colômbia. A eleição do novo pontífice coincidirá com essa data.

Um porta-voz do Conselho Nacional dos Bispos do México (CNBM), encarregado de coordenar o encontro, explicou que não tem meios de saber quando será realizada a reunião.

Dezenove participantes da Conferência de Puebla, inclusive dois dos três presidentes do Celam — Aloisio Lorscheider, do Brasil, e Sebastian Baggio, da Itália — são cardeais e deverão participar da eleição do novo papa, na Cidade do Vaticano. O terceiro presidente do Celam é o arcebispo mexicano Ernesto Corripio.

Depois que o novo pontífice for eleito, terá que escolher os novos presidentes do Celam ou confirmar os três presidentes atuais, os quais, então, escolherão a nova data da conferência.

Dom Lopez Trujillo, ratificado no cargo pelo papa João Paulo 1.º, foi recebido em audiência privada pelo pontífice falecido no último dia 16, quando, segundo o arcebispo, “passamos em revista os temas específicos da Conferência de Puebla que estava programada para o dia 12 de outubro”.



João Paulo 1.º sobreu críticas de alguns “teólogos da libertação”

Acrescentou que durante o encontro de uma hora, João Paulo destacou a “importância que a Conferência de Puebla tem para a América Latina”.

A última reunião do Celam foi realizada há dez anos, em Medellín, período durante o qual o papa Paulo 6.º visitou a Colômbia.

Faltou mais ação

ERNEST SAKLER,
da UPI

CIDADE DO VATICANO — O Papa João Paulo 1.º, que afirmou não ter aprendido a profissão de bispo em 20 anos, estava ainda apalmando o caminho — às vezes de forma meio desajeitada, às vezes com muita cautela — em seus breves dias de papa.

O ex-patriarca de Veneza, como o líder dos 700 milhões de católicos do mundo, não teve tempo de abordar as grandes controvérsias que agitam os 15 anos de pontificado de seu predecessor Paulo 6.º — o controle da natalidade, o aborto, o celibato sacerdotal, a exclusão das mulheres do ministério sacerdotal.

Não tinha feito ainda nenhuma tentativa para modificar a diplomacia eclesiástica e o governo central da Igreja. Simplesmente confirmou em seu cargo todos os prelados designados por Paulo 6.º.

Sua atuação em relação aos problemas mundiais não foi além de apelos públicos em favor da paz e do elogio aos acordos entre o Egito e Israel em Camp David.

Apesar de seus pronunciamentos em favor dos direitos humanos, o papa desagradou muitas pessoas por ter permitido ao presidente argentino, Jorge Videla, apontado como violador de tais direitos, assistir à cerimônia de inauguração de seu pontificado no dia 3 de setembro.

A principal mudança realizada pelo novo papa foi em relação à tradição vaticana, através de seu estilo pessoal e de sua maneira de falar.

O papa se dirigia ao povo de forma singela, citando reminiscências de sua infância e citando indiscriminadamente Santo Agostinho, Mark Twain e Pinóquio.

Os ouvintes ficaram encantados com essa linguagem tão alheia à terminologia dos discursos.

João Paulo, filho de um pedreiro, tentou acabar com a pompa e a cerimônia. Quase sempre usava a primeira pessoa do singular, em vez do plural majestático “nós”. Mas nos textos preparados pelos redatores oficiais esse costume ainda persistia.

Quis que sua cerimônia de investidura fosse reduzida a uma missa ao céu aberto, em vez da tradicional coroação com a triplice tiara dentro da basílica do Vaticano.

Dispensou também inicialmente a “sedia gestatoria”, mas depois concordou em se utilizar dessa cadeira portátil porque o povo se queixou que não podia vê-lo durante as audiências gerais, quando entrava caminhando no salão.

Suas atitudes políticas pareciam às vezes contraditórias. Na audiência geral do dia 10 de setembro advertiu que “o reino de Deus não coincide com o reino do homem”, sendo pois errado pensar que “onde está Lenin, aí está Jerusalém”.

“Os pobres são o tesouro real da Igreja”, disse o papa ao povo na basílica de São João de Latrão, logo depois de se encontrar com o prefeito de Roma. “Eles devem ser ajudados a ter mais e a ser mais, sem serem humilhados e ofendidos pela exibição da riqueza, pelo dinheiro gasto em futilidades”.

João Paulo deixou bem claro que esperava do clero uma estrita disciplina.

“Lembro como um dos mais solenes momentos de minha vida aquele instante em que, colocando minhas mãos nas mãos de meu bispo, declarei: prometo ser obediente” — disse o papa ao falar na basílica de São João. “Daquele momento em diante, senti-me obrigado por toda a vida e nunca pensei que essa cerimônia não tinha importância. Espero que os sacerdotes de Roma tenham os mesmos sentimentos”.

Isso se aplicava também aos membros da Curia Vaticana. Em seu primeiro discurso no dia 27 de agosto, João Paulo se referiu aos “nossos colaboradores, chamados a executar estritamente a nossa vontade”.

Como seus predecessores João 23 e Paulo 6.º, João Paulo era um ardente defensor da unidade cristã.

Fora da Igreja, as opiniões sobre o papa variam bastante.

“Ele foi um papa de extraordinária bondade e simplicidade”, disse o ex-presidente italiano Giuseppe Saragat.

Novo papa pode mudar diretriz para continente

Newton Carlos

A Igreja latino-americana, com jurisdição sobre quase a metade dos católicos de todo o mundo, exigiu de João Paulo 1.º imediata atenção especial. A 29 de agosto, três dias depois de eleito, o sucessor de Paulo 6.º confirmou a data e o Estado-Maior da Conferência Episcopal da América Latina, agora adlada indefinidamente. João Paulo 1.º tinha nas mãos um dos raros exemplares do documento definitivo de trabalho da Conferência, cujos primeiros fragmentos começaram a ser revelados no México a 24 de setembro.

O documento promete desatar novas polémicas, como já desatara seu antecessor, o texto de consulta às conferências episcopais nacionais. O Estado-Maior confirmado por João Paulo 1.º e que terá de ser outra vez confirmado por um novo papa, velou para que não houvessem mudanças substanciais na passagem da consulta para a redação definitiva. A frente está o todopoderoso cardeal Baggio, prefeito da Congregação dos Bispos e diplomata do Vaticano com experiência de 20 anos em seis países latino-americanos.

OPERAÇÃO

Baggio, segundo Gary McEoin, autor de um livro sobre “A Elite do Vaticano”, é um “típico curialista”, um homem da Cúria Romana para quem os “interesses da Igreja estão acima dos do povo”. A próxima reunião dos bispos da América Latina, onde surgiu a “Teologia da Libertação”, onde é abertamente contestada a estrutura tradicional de poder da Igreja e onde está o maior contingente de católicos do mundo, é preparada em meio à surda luta e a mortes e eleições de papas que devem dar a última palavra. Um grupo de teólogos alemães, liderados por Karl Rahner, acusou o bispo Franz Hengsbach, da “ADVENIAT”, Agência de Ajuda da Igreja da Alemanha Ocidental, de financiar uma campanha contra a tendência progressista da Igreja latino-americana. O condutor seria o jesuíta belga Roger Vekemans, que pulou do Chile para a Colômbia, depois de várias vezes citado como “homem da CIA”, e é hoje carne e unha com dom Lopez Trujillo, secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano.

Há inclusive uma guerra psicológica, com requintes

operacionais. O centro de Vekemans, em Bogotá, mandou a todos os bispos latino-americanos livros de Paul Dognin e Georges Cottier sobre problemas de “cristianismo e marxismo”. São dos teólogos mais conservadores da Europa. Dognin é ligado à Cúria Romana, ao poder concentrado em Roma, como consultor do Secretariado do Vaticano para a Unidade Cristã. Também Cottier, como Consular para Não Crenes. Um dos livros teve financiamento da Fundação de Rance, de Milwaukee, Estados Unidos. Ambos foram chamados de “generosos presentes norte-americanos” pelo Conselho Ecumênico da Costa Rica. A reação a essa campanha ocupa cada vez mais publicações católicas como “Cross Currents”, “Christus”, “Latinamerica Press” e “Fol et Development”. A 10 de setembro chegou ao México um documento assinado por 17 bispos, oito teólogos e 160 leigos de 44 dioceses brasileiras, pedindo que a Conferência, a realizar-se na cidade mexicana de Puebla, “lute contra a pobreza e a opressão capitalista”.

DEBATE

O pedido surgiu como produto de entreatos que em breve irão lidar com um novo papa. Com o sucessor de João Paulo 1.º continuará um debate que está longe de esgotar-se, apesar do autoritarismo do Vaticano. Deve a Igreja continuar seu curso tradicional, sob formas tradicionais, um poder piramidal acentuando tensões nas práticas religiosas, vindo ela própria como uma instituição internacional, o instrumento universal da salvação? Ou deve aprofundar novas linhas, estruturas horizontais desenvolvidas por comunidades de base, se vindo como uma comunidade e não uma sociedade uma cadeia de comunicações e um signo de salvação universal? Por mais que se faça campanha ou guerra psicológica, estas perguntas estarão em Puebla.

Quanto ao documento definitivo de trabalho, não escaparia da principal “crítica” feita ao texto de consulta. A de que “tende a evitar os aspectos conflitivos da realidade social”. Fala de industrialização gerando secularismo, o “afastamento de Deus”, mas pouco ou nada diz sobre os custos sociais dessa industrialização na América Latina e Terceiro Mundo de modo geral.

Na aldeia nativa, a tristeza

O coração dos altos dignitários

DA AFP

CIDADE DO VATICANO — A morte do papa João Paulo 1.º, depois de um pontificado de 33 dias e 6 horas, culminou uma série de mortes de origem cardíaca que se abateu sobre os dignatários da Igreja nos últimos dois meses.

O mais estranho desses falecimentos foi, sem dúvida, o do metropolitano Kikodim, por um ataque cardíaco a cinco de setembro durante uma audiência privada com o papa na biblioteca pontifícia.

Depois de um diálogo silencioso de cinco minutos junto a uma das janelas da biblioteca, o metropolitano e o Pontífice se dirigiram ao centro da sala para iniciar a conversação oficial na presença do arquiandrito lev Tserpitki e do jesuíta espanhol Arranz, intérprete de russo.

Mas, nesse momento, monsenhor Nikodin caiu fulminado por uma crise cardíaca. O Papa apenas teve tempo de abaixar-se para dar a absolvição ao metropolitano.

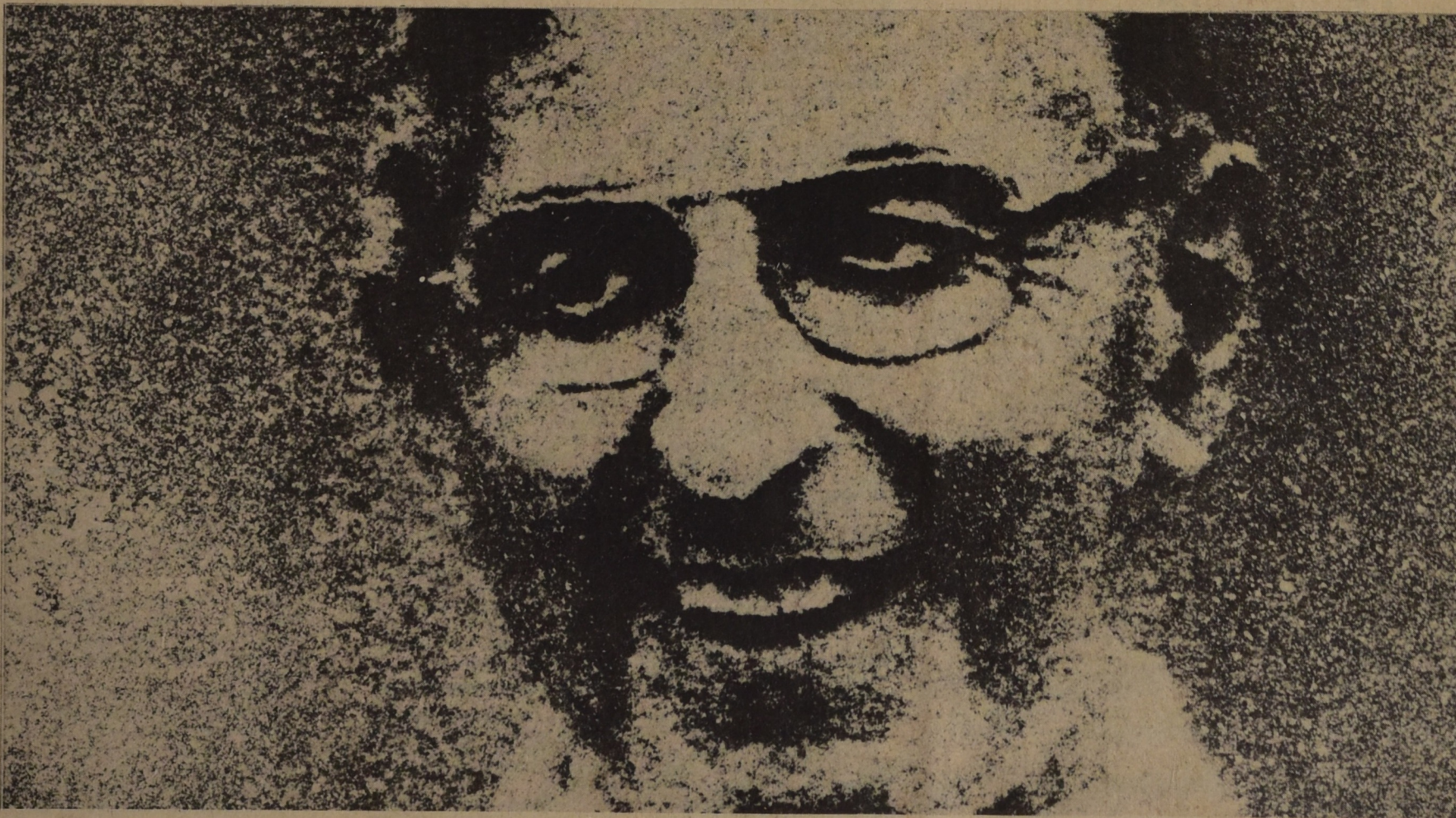
A única informação que se tem desse diálogo foi dada pelo próprio Papa em termos enigmáticos, quando confessou recentemente a um prelado: “Nunca m minha vida ouvi palavras tão maravilhosas sobre a Igreja, mas não posso repeti-las e permanecerão para sempre em segredo”.

Depois do falecimento de Paulo 6.º, ocorreu também a morte do cardeal chinês no exílio Yu Pim, por uma crise cardíaca a 16 de agosto, quando estava em Roma para participar do conclave que elegeu João Paulo 1.º.

A 11 de setembro, apenas nove dias depois da entronização do novo Pontífice, faleceu o cardeal Valerian Gracias, de Bombay.

“A última vítima desta série de mortes de origem cardíaca foi o próprio João Paulo 1.º, que morreu anteontem em seu leito, episódio que constitui um “impenável e misterioso acontecimento”, segundo as palavras do cardeal Ugo Poletti.

Ele não tinha este direito.



Ontem, enquanto dormíamos, o mundo perdia, sem saber, alguém que conseguiu em apenas 32 dias fazer renascer uma ponta de esperança por dias meliores. João Paulo I, um sorriso de confiança e fe que nos deixa sem avisar, sem dizer adeus, João Paulo I, você não tinha este direito. Mas fique certo que a esperança que você semeou aqui, o acompanhará por onde você andar. E agora que você integra o grande time aí de cima, continue a olhar por nós. João Paulo I, nesta hora que a gente tanto precisa, aí onde você está, não se esqueça de nós.

ALCANTARA MACHADO, PERISCINOTO COMUNICAÇÕES LTDA.

A morte do papa João Paulo 1.º

Geisel decreta luto por três dias

D. Arns: "Ele não suportou o sofrimento"

Apesar de ter se surpreendido com a causa da morte do Papa João Paulo 1.º, pois desconhecia que ele tivesse algum problema cardíaco, o cardeal arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, acredita que "seu coração não suportou o peso do sofrimento a que estava disposto a enfrentar com bondade e humildade, depois de sua nomeação".

O cardeal arcebispo de São Paulo fez este pronunciamento ao final da missa que celebrou ontem pela manhã, na Igreja Nossa Senhora da Assunção, onde está instalado o Seminário Central do Ipiranga. Dom Paulo revelou que soube da notícia às 3 horas de ontem, através de telefonema de Brasília. Ele chegou a pensar que se tratasse de notícias a respeito do presidente da CNBB, dom Aloisio Lorscheider, que foi internado anteontem para tratamento de saúde.

"A morte do Papa João Paulo 1.º nos deixa tão atordoado, que é como se morresse alguém que apenas começou a viver, embora já tivesse 65 anos, fosse experimentado por todos os reveses da vida. Aos 65 anos ele estava com todas as forças para seguir a fio o seu intento", disse dom Paulo.

PROGRAMA

Na opinião do cardeal Arns, seriam cinco os itens que o Papa João Paulo 1.º estava disposto a levar adiante. "Em primeiro lugar — afirma dom Paulo — ele tinha a intenção de continuar o programa decidido pelo Vaticano 2.º. Depois, não tinha nenhuma intenção de inventar nada fora do consenso da Igreja. Terceiro, ele tinha a firme intenção de manter um diálogo com o mundo, sem distinção nenhuma. Quarto, se propôs a lutar com todas as suas forças pela paz; seu último exemplo nesse sentido foi dado em relação às mensagens que enviou durante o acordo de Camp David, mantido entre o Egito e Israel". O cardeal afirmou que não saberia dizer o último item e "gostaria que alguém falasse por mim".

Como a reunião de Puebla, do Celam deveria ser adiada, uma vez que não pode ser realizada sem que haja no Vaticano a presença do Papa, e se não houver algum comunicado oficial para os cardeais, partindo do Vaticano, dom Paulo Evaristo Arns deverá viajar para Roma depois de terça-feira, a fim de participar dos funerais de João Paulo 1.º e da escolha do novo Papa. O cardeal arcebispo de São Paulo recusou-se a emitir qualquer palpite sobre o novo chefe da Igreja, que deverá ser escolhido nos próximos 15 ou 20 dias.

D. Avelar: "esta morte chocou o mundo inteiro"

A primeira reação foi de incredulidade. Mesmo assim, apesar de ter recebido dois telefonemas, às 4 e às 5 horas da madrugada de ontem, avisando a morte do papa João Paulo 1.º, o cardeal primaz do Brasil, dom Avelar Brandão, ainda tentou uma confirmação com a Nunciatura Apostólica, em Brasília. O nuncio dom Carmine Rocco também desconhecia a veracidade da notícia.

Ao ser confirmada, todavia, a morte súbita do papa, dom Avelar Brandão não pode esconder sua emoção. Não podia acreditar que aos 66 anos, com apenas 32 dias de pontificado, o papa João Paulo 1.º havia morrido. "Esta morte chocou o mundo todo, profundamente", confessaria mais tarde à imprensa, em Salvador. "De um homem doente como Paulo 6.º, aos 80 anos de idade, já era esperada uma morte súbita, mas do cardeal Luciani, que mal havia iniciado seu pontificado, o mundo não esperava uma notícia desta".

"A morte de João Paulo 1.º — disse — representa uma dor muito profunda, pela perda de seu membro mais eminente no momento, de uma maneira dolorosa. Mas, é mais um acidente na vida. Evidentemente que nós temos que agora encomendá-lo às mãos de Deus. O papa não pode cumprir a missão que lhe tinha sido entregue pela confiança dos cardeais. Esta morte sensibilizou mais profundamente a Igreja que a morte de Paulo 6.º".

"Hora de provação" diz Agnelo Rossi

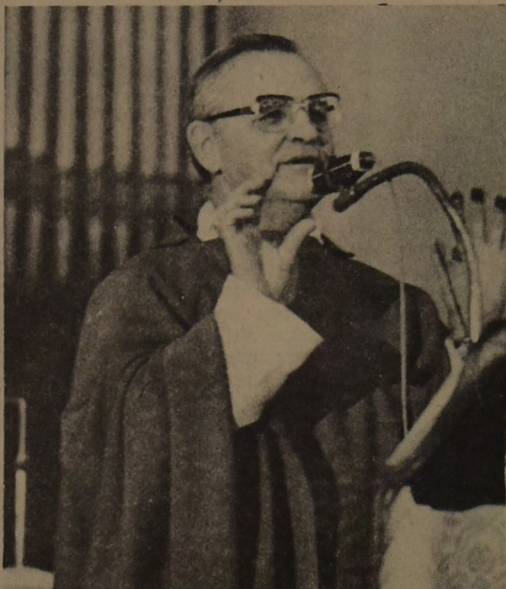
Das Agências e da Sucursal

Em Roma, o cardeal dom Agnelo Rossi lembrou o Papa João Paulo 1.º como "uma grande luz de esperança para toda a Igreja, que passou rapidissimamente, depressa como um meteoro". Considerando que este é um momento de "muita provação e de muita oração para toda a Igreja", o cardeal Rossi disse que "talvez não estejamos merecendo pelas nossas falhas, esta grande graça que o Papa nos tinha concedido: a esperança".

Segundo dom Agnelo, que esteve com João Paulo 1.º na semana passada durante mais de uma hora, um aspecto essencial da personalidade do falecido Papa era "a luz que com que ele captava imediatamente todos os problemas da Igreja".

"Roma está completamente conturbada", afirmou dom Agnelo Rossi, "porque o Papa gozava da máxima simpatia de todos".

Em Belo Horizonte, o arcebispo metropolitano dom João Rezende Costa afirmou ontem que "a passagem tão rápida de Sua Santidade pelo pontificado foi o bastante para dar ao mundo um grande exemplo de bondade, comunicação, unidade e esperança".



O cardeal de São Paulo, dom Evaristo Arns, celebrou ontem de manhã missa em memória do papa João Paulo 1.º.

São Paulo espera nota do Palácio dos Bandeirantes

Até o final da tarde de ontem, o Palácio dos Bandeirantes não expediu qualquer mensagem de manifestação de pesar pela morte do Papa João Paulo 1.º. O secretário do Governo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, informou que Paulo Egídio deveria manifestar-se em Andradina, à tarde, onde se encontrava em companhia do presidente Geisel.

No Palácio as bandeiras paulistas e brasileira permaneceram hasteadas a meio pau, em sinal de luto oficial.

A Assembleia Legislativa de São Paulo suspendeu sua sessão ontem para render homenagens póstumas ao Papa João Paulo 1.º. Parlamentares dos dois partidos lamentaram a morte do Papa, tendo Horácio Ortiz, do MDB, considerado "o infausto acontecimento uma grande perda para a família cristã".

Wadi Helu, da Arena, afirmou que "com seu sorriso espontâneo de amor, João Paulo 1.º conseguiu infundir alguma esperança em todos nós, de melhores dias e de paz".

O presidente da Assembleia, deputado Natal Gale, determinou a observação de um minuto de silêncio, para depois encerrar a sessão.

D. Ivo abalado

BRASILIA (Sucursal) — O secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dom Ivo Lorscheider, confirmou ontem, que foi suspensa a 3.ª Conferência do Episcopado Latino-Americano, que deveria reunir-se entre os dias 12 e 23 de outubro em Puebla, no México. Diante da morte do Papa João Paulo 1.º, a reunião do Celam passa a depender de uma nova convocação do futuro Papa, explicou dom Ivo.

"Todos nós estamos abalados e atingidos pela inesperada notícia. Queremos agradecer a Deus, entretanto, os gestos e lições que o Papa João Paulo 1.º nos deixou nesse curto período de pontificado. Lições de superioridade, modestia, alegria e esperança: coisas que o mundo de hoje tanto necessita. Passado o choque inicial vamos continuar nosso trabalho porque a Igreja não pode parar a sua marcha", comentou dom Ivo.

O secretário-geral da CNBB, recebeu a notícia do falecimento de João Paulo 1.º através de uma emissora de rádio de Porto Alegre às quatro horas de madrugada de ontem. Dom Ivo imediatamente comunicou aos 42 bispos da Comissão representativa que estavam reunidos desde terça-feira e juntos concelebraram uma missa pela alma do papa.

Após a missa, o secretário-geral da conferência reuniu os bispos e comunicou o encerramento da reunião. A tarde, divulgou o seguinte telegrama dirigido ao cardeal Jean Villot, no Vaticano: "Presidência e Comissão representativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, reunidos em Brasília, surpreendidos com a dolorosa

Na Câmara Municipal, o presidente, vereador Roberto Cardoso Alves comentou a morte do Papa, com as seguintes palavras: "De fato, se abate sobre nós uma profunda dor pelo passamento prematuro e inesperado do Papa João Paulo 1.º. E todos aqueles que se envolvem no problema por sua condição de católicos, esperam, segundo o dogma da Igreja, que a suprema sabedoria e o Espírito Santo inspirem os cardeais, homens sábios, para que possa ser escolhido um sucessor a altura".

SETUBAL

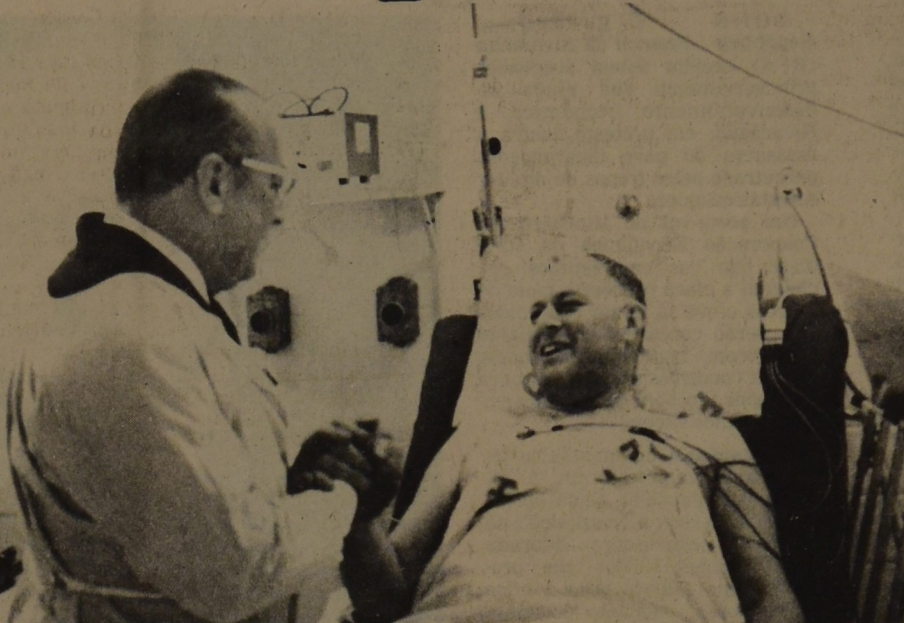
A morte do Papa foi lamentada pelo prefeito Olavo Setubal, com a seguinte declaração:

"Foi com muita consternação que, hoje pela manhã, tomei conhecimento da morte do Papa João Paulo 1.º, ocorrida esta madrugada. Como católico, como brasileiro, como homem interessado nos problemas espirituais do mundo, senti profundamente o falecimento do Papa, porque era, sem dúvida, uma figura que já irradiava confiança, na sua liderança espiritual e capacidade de contribuir para a paz e o mundo".

JOÃO PAULO 2.º

Durante os dias em que se realizou a última reunião da Comissão Representativa, extinta na última Assembleia Geral da CNBB após a aprovação do novo Estatuto da Conferência, todos os bispos presentes manifestaram grande alegria pela escolha de João Paulo para chefe da Igreja Católica, principalmente pelo interesse e carinho que vinha demonstrando pelo Brasil e especialmente pela Conferência do episcopado brasileiro. Ontem, grande número dos bispos afirmavam que a Igreja do Terceiro Mundo sofreu uma perda irreparável e apontavam dom Aloisio como um dos cardeais capazes de conduzir a Igreja dentro das diretrizes delineadas por João Paulo.

O bispo de Olinda e Recife, dom Hélder Câmara, disse que não gostaria de falar em nome, "mas tenho certeza de que o novo Papa se chamará João Paulo 2.º". Disse ainda dom Hélder que "assim como o Espírito Santo nos reservou uma surpresa por ocasião da sucessão de Paulo 6.º, vai nos fazer uma segunda surpresa. O Papa João Paulo cumprirá nesse curto espaço de tempo uma missão que marcou um novo rumo para a Igreja confirmando o trabalho realizado por João 23 e Paulo 6.º. Estou tranquilo quanto ao novo conclave, pois o dono da Igreja é o Espírito Santo".



O general João Batista Figueiredo visitou ontem o cardeal dom Aloisio Lorscheider, presidente da CNBB, hospitalizado em Brasília por causa de um distúrbio cardíaco-vascular.

Figueiredo fica perplexo

BRASILIA (Sucursal) — A morte súbita do Papa João Paulo 1.º, na madrugada de ontem, foi recebida com perplexidade pelo gabinete do general João Batista Figueiredo, no hotel Aracocara. A notícia chegou ao general nas primeiras horas da manhã de ontem, ainda em sua residência no "Rancho K".

O fim do curto pontificado de João Paulo 1.º (um dos mais breves da história da Igreja), foi recebida por Figueiredo com a mesma surpresa de 32 dias atrás, quando da sua escolha, pelo Sacro Colégio, para Sumo Pontífice.

Há menos de 20 dias, Figueiredo participou, na Nunciatura Apostólica, de uma recepção pela coroação de João Paulo 1.º. E ontem, ao tomar conhecimento de sua morte, disse:

"O mundo perde um grande homem. A personalidade de Sua Santidade João Paulo 1.º, seu interesse e carinho para os problemas das nações do Hemisfério Sul, sua forma direta e corajosa de enfrentar o diálogo, nos davam a certeza de que faria um glorioso reinado para a Igreja. Como católico, como homem do mundo, rezo para que as idéias que ele não teve oportunidade de executar, sirvam como referência para quem vier a sucedê-lo".

O general, no fim da tarde, enviou a D. Carmine Rocco, nuncio apostólico, um telegrama pelo qual expressou ao representante da Santa Sé os votos de pesar pelo falecimento do Papa João Paulo 1.º.

VISITA A D.

"Ele está bem, muito bem. Está inteiro, foi mais um susto que ele deu na gente" —

D. Aloisio ainda internado

BRASILIA (Sucursal) — O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dom Aloisio Lorscheider, permanece internado na Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital de Base de Brasília, onde se recupera da isquemia que sofreu no início da noite de quinta-feira quando concelebrava, juntamente com os 42 bispos da Comissão Representativa, uma missão de ação de graças.

O cardeal de Fortaleza foi informado por volta das seis horas de ontem da morte do Papa João Paulo 1.º, pelo médico que o acompanha na sua recuperação, dr. Paulo Horta, que revelou ter sido muito serena a reação de dom Aloisio. O médico disse, ainda, que a sua permanência na UTI foi uma opção do cardeal, "que preferiu descansar sem receber visitas".

Disse ainda Paulo Horta que os eletrocardiogramas realizados desde a internação de dom Aloisio estão dando resultados positivos, superiores, inclusive, aos exames feitos aqui mesmo quando chegou de Roma onde também sentiu-se mal, durante as cerimônias de entronização do Papa João Paulo 1.º. Em Bogotá, no mês de julho, dom Aloisio chegou a utilizar um aparelho de oxigênio para suportar a al-

Tristão fala das lições da morte

RIO — "A morte de João Paulo 1.º mostra que todos nós, sejamos mendigos, intelectuais, analfabetos ou papas, somos iguais perante a morte". Esta afirmação foi feita ontem pelo pensador e líder católico Alceu Amoroso Lima, a propósito da morte do Papa João Paulo 1.º.

Alceu disse esperar que o sucessor de João Paulo 1.º se coloque na linha de ecumenismo e da Igreja dos pobres. "Espero que o Espírito Santo domine o conclave e que seja escolhido um representante da corrente que olha para a frente e não para trás, como foram João 23 e Paulo 6.º", acrescentou.

RABINO

São Paulo: O RABINO Henry Sobel disse ontem ter ficado "muito triste e chocado" quando recebeu a notícia da morte do Papa. "Enquanto começamos o ano com tanto otimismo e fé na paz, não podemos deixar de nos entristecer com o falecimento do Papa João Paulo 1.º, por cuja paz eterna também rezamos".

Para o rabino Henry Sobel, as principais qualidades do João Paulo 1.º não serão esquecidas: "a sua simplicidade, a sua inteligência, a sua humildade. Sobel disse ainda que João Paulo 1.º foi "um instrumento musical que Deus tocou, emitindo uma melodia suave de bondade".

disse o general João Batista Figueiredo logo após deixar o apartamento 2103, do Hospital da Base de Brasília, onde foi para uma visita de 20 minutos a D. Aloisio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, vitimado por um distúrbio cardiovascular, anteontem.

Vestindo roupas esterilizadas para poder entrar na sala onde D. Aloisio está internado (um jaleco comprido azul), Figueiredo encontrou o paciente "bastante tranqüilo". Conversaram durante todo o tempo da visita e conforme disse o general, foi mais sobre "meu irmão Euclides, de quem ele é muito amigo".

Apenas o general e um fotógrafo tiveram acesso à sala para registrar o encontro. Do lado de fora, repórteres e os assessores de Figueiredo, Sald Farhat e Danilo Venturini, acompanhados do empresário João Fortes, aguardaram.

As 19h20, Figueiredo deixou a sala, exatamente 20 minutos depois que entrou. Descontraido e falando aos jornalistas disse: "Ele está bem, muito bem. Foi um susto que ele nos deu. Nós conversamos sobre meu irmão, Euclides, que ele conhece muito".

Já no elevador, com alguns jornalistas, brincou o general: "Eu com aquela roupa restava parecendo um robô, mas pior estava o fotógrafo (o 'único que entrara, grande e gordo'). Agora se ele publicar a minha foto com aquela camisola ele vai apanhar. Mas não é de mim não, é da minha mulher".

Pouco antes de entrar no carro deixando o hospital, Figueiredo sorriu para os jornalistas, deu boa noite e seguiu para o "Rancho K", onde reside.

tura da capital boliviana que não lhe fez bem.

Além de presidente da CNBB, dom Aloisio Lorscheider também é presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano. A reunião do Celam, marcada para o início do próximo mês, foi cancelada devido a morte do Papa, bem como a Conferência de Puebla, que deveria iniciar-se a 12 de outubro está suspensa e provavelmente não será mais realizada esse ano.

Um dos principais comentários que circulavam ontem na CNBB falava da coincidência de horários entre o distúrbio sofrido por dom Aloisio e a morte do Papa, ocorrida à mesma hora. O secretário-geral da CNBB, dom Ivo Lorscheider pediu, entretanto, que embora a coincidência tenha realmente ocorrido "isso não deve ser supervalorizado".

Disse ainda dom Ivo que não acredita que a enfermidade de seu primo o impeça de comparecer ao conclave que elegerá o novo Papa. Mas admitiu que seria melhor que dom Aloisio se abstinisse de grandes esforços. Lembrou dom Ivo que há cerca de dois anos o presidente da CNBB foi operado, sofrendo um transplante das coronárias.

A carta do Papa a Ernesto Geisel

O Itamarati divulgou ontem à noite o texto da carta em latim que o Papa João Paulo 1.º enviara no dia 3 de setembro ao presidente Ernesto Geisel.

E este o texto integral da carta:

"Investido, mui recentemente e fora das expectativas, no Supremo Pontificado, julgamos de nosso dever, segundo a tradição, por esta carta informar-vos do cargo e do manto que assumimos.

"Da mesma forma que nossos predecessores acompanharam com amor e benevolência o povo de que sois presidente, assim também é nosso propósito prosseguir com a mesma diligência.

"Nesta oportunidade, apaz-nos externar a esperança que alimentamos: poderem os filhos da Igreja Católica nessa Nação, pelo cumprimento de seus deveres, servir frutiferamente ao verdadeiro progresso desse país.

"Finalmente, desejamos do fundo da alma que, mercê de Deus, sobrevenha a vós, illustre e honrado senhor, e a toda a vossa Nação, tudo o que há de melhor.

"Feita em Roma, junto a São Pedro, no dia 3-de setembro, primeiro de nosso pontificado."

Da Sucursal e do Serviço Local

O presidente Ernesto Geisel decretou ontem pela manhã, logo após ser informado da morte do Papa João Paulo 1.º, luto oficial em todo o país por três dias. Geisel foi informado do falecimento por volta das 7 horas, pelo ministro do Planejamento, Reis Veloso, quando se preparava para embarcar rumo a Urubupungá.

Alinda na base aérea de Brasília, Geisel determinou que o gabinete civil da Presidência da República expedisse o decreto de luto oficial, que ele só assinou no final da tarde, depois de regressar de São Paulo.

O presidente Geisel enviou ontem ao carmelengo Jean Villot um telegrama de condolências pelo falecimento de Sua Santidade o Papa João Paulo 1.º.

"Apresento a Vossa Eminência reverendíssima e ao Sacro Colégio de Cardeais, em nome da Nação brasileira e no meu próprio, os nossos sentimentos do mais profundo pesar pelo inesperado falecimento de Sua Santidade o Papa João Paulo 1.º".

AZEREDO DA SILVEIRA

Em declaração ontem à imprensa, o ministro Azeredo da Silveira, das Relações Exteriores, disse estar convencido de que o "curto pontificado de João Paulo 1.º se projetará no futuro". A declaração de Silveira é a seguinte:

"Imagino a tristeza que tenha caído sobre Roma com a morte do Papa João Paulo 1.º. Tenho certeza de que esta mesma tristeza se derrama hoje sobre o Brasil, maior país católico do mundo. E muito difícil conhecer os desígnios de Deus.

"Estou convencido que este curto pontificado de João Paulo 1.º se projetará no futuro. Conheci melhor que João Paulo 1.º a Paulo 6.º, cujo pontificado foi pleno de preocupações. Paulo 6.º sentia a dor da dissensão na Igreja Católica, e, por isso mesmo, foi um papa preocupado e sofredor.

"João Paulo 1.º veio como um Papa risonho, e, em seu curto pontificado, havia as marcas da serenidade e da tranquilidade sobre o que decidia e o sobre o seu comportamento pessoal. Criou, assim, outra atmosfera no Vaticano. Na entrevista que tive com ele, ficou clara também a transparência de seu pensamento. Creio que essas marcas impressas na vida da Igreja ficarão projetadas no futuro".

CÂMARA SUSPENDE SESSÃO

A Câmara dos Deputados não realizou sessão ontem em sinal de pesar pelo falecimento do Papa João Paulo 1.º. Logo após iniciados, a requerimento das lideranças de ambos os partidos, os trabalhos foram encerrados, dizendo o vice-líder Jorge Arbabe, em nome da Arena, que a dor envolvia a todos os brasileiros.

"Não sei o que os historiadores poderão colher de um pontificado tão curto", disse padre Nobre, em nome do MDB, por sua vez. "Sei, sim, que todos nós recolhemos e permanentemente, na retina dos nossos olhos e na memória dos nossos corações, aquele sorriso largo, aberto, sincero, espontâneo e natural com que já se familiarizara o mundo inteiro e com que os homens de todos os países já se acostumaram. João Paulo é o sorriso da Igreja no tempo".

Geraldo Freire, da Arena mineira, líder católico, assinalou que duas foram as originalidades do Papa falecido. A primeira delas foi a escolha do nome, pois foi a única vez na história em que o Sumo Pontífice adotara um nome geminado. Uma outra originalidade "poderíamos descobrir na forma de investidura. Não houve coroação, não houve entronização, nem pompas sob o ponto de vista profano como nós as compreendemos."

MARCO MACIEL

O presidente da Câmara, Marco Maciel, enviou ao nuncio apostólico, dom Carmine Rocco, o seguinte telegrama:

"Desejo expressar em meu nome pessoal e da instituição que tenho a honra de presidir profundas condolências pelo infausto desaparecimento de sua santidade João Paulo 1.º. Embora curto tenha sido seu pontificado, ele soube imprimir sã orientação espiritual ao destino da Igreja eterna, merecendo, por isso mesmo, respeito e admiração de toda a humanidade. Manifesto confiança em que seu sucessor certamente continuará sua obra pontificia que se inspirava nas missões perenes do Evangelho, guiando a comunidade católica e propiciando ao mundo condições de desenvolvimento dos valores espirituais". Marco Maciel, presidente Câmara dos Deputados.

EURO BRANDÃO

O ministro Euro Brandão afirmou ontem, ao tomar conhecimento da morte do Papa João Paulo 1.º, que o fato "mostra, mais uma vez, os desígnios insondáveis da providência" e que "essa súbita solução de continuidade nos deixa novamente entregues à sempre renovada esperança de ver, na Catedral de Pedro, aquele para o qual se voltam os olhos do mundo".

NUNCIATURA

Até o final da tarde de ontem, a Nunciatura Apostólica ainda não tinha preparado o telegrama que deverá ser enviado hoje às autoridades brasileiras e corpo diplomático comunicando a morte do Papa e marcando a data da missa de sétimo dia.

O nuncio apostólico, dom Carmine Rocco ainda está em Roma, onde foi recebido quinta-feira à tarde pelo Papa, e no seu lugar falou o conselheiro da Nunciatura, monsenhor Thomas Woods: "recebemos a notícia do Santo Padre morto. A notícia é naturalmente um golpe inesperado para a Igreja e para todo o mundo. Nesse pequeno período ele conquistou o amor e a confiança de todos os católicos.

"Mais uma vez a Igreja Católica está sem um chefe, mas confiamos na ajuda do Espírito Santo para que indique um novo chefe supremo que conduza seus fiéis no caminho do Evangelho e do amor ao próximo."

RENOVE SUA ASSINATURA DA

FOLHA

TELEFONE: 220-0011

Tóquio à beira da bancarrota, como Nova York

Oswaldo Peralva,
de Tóquio

A cidade-estado de Tóquio, com uma população de quase doze milhões de habitantes, está acumulando déficits sobre déficits, com a sombria perspectiva de chegar a 1985 em situação de completa insolvência, devendo a esantosa soma de um trilhão e 200 bilhões de ienes, correspondentes a mais de seis bilhões de dólares.

Quem tirou essa conclusão foi o próprio governador Ryokichi Minobe, marxista sem partido, professor de Economia, em vias de concluir seu terceiro mandato de quatro anos cada, sempre apoiado por todos os partidos reformistas, desde os socialistas e comunistas até os moderados budistas e democratas socialistas.

Minobe, cujo programa bicolor tem sido o de devolver a esta cidade, a mais populosa do mundo, um céu azul e amenizá-la com verdejantes parques, já declarou que não se candidatará de novo ao cargo, alegando a avançada idade, pois se encontra na casa dos setenta.

Falando em bancarrota e fazendo uma analogia com o problema que Nova York também enfrentou, esse emérito economista deu a entender ontem, perante a Assembléia Legislativa, haver resolvido em boa parte o problema da poluição sonora e da atmosfera, em Tóquio, porém não seus problemas econômicos-financeiros. Essa situação deficitária é comum, aliás, a vários outros governos devido a que a administração central recebe a parte do leão nas arrecadações fiscais dos estados e municípios.

Em seu relatório, Minobe não se limitou a dar o grito de alarme. Propôs igualmente a adoção de um programa de austeridade, com medidas de emergência, consistentes em reduzir em 20 por cento o valor dos contratos para os futuros financiamentos de empresas e um corte de 1.200 funcionários estaduais. Ambas as medidas estão destinadas a enfrentar séria oposição dos interessados.

China afirma que tem uma tarefa comum com Chile

SANTIAGO DO CHILE — O embaixador da República Popular da China, Hu Chengfang, disse ontem que o seu país e o Chile têm uma tarefa comum na luta contra a União Soviética e os Estados Unidos, especialmente "contra o social-imperialismo soviético".

Hu responsabilizou o Kremlin por aplicar uma política de hegemonia mundial e afirmou que "o principal perigo de uma nova guerra mundial provém da União Soviética".

O embaixador chinês fez estas declarações durante uma cerimônia no salão de honra da Universidade do Chile, em comemoração ao vigésimo nono aniversário de seu país. China e Romênia são os únicos países socialistas com os quais o regime militar chileno mantém vínculos diplomáticos normais. As relações com o restante das nações comunistas foram rompidas após a derrubada do presidente Salvador Allende.

Ao referir-se à identidade de interesses entre China e Chile, Hu disse que as duas nações estão em vias de desenvolvimento, pertencem ao Terceiro Mundo e, por isso, juntamente com as nações do Terceiro Mundo, "são vítimas da agressão, subversão, intervenção estrangeiras".

Repórter argentino raptado em julho é encontrado vivo

BAHIA BLANCA, Argentina — O jornalista Enrique Estaban, correspondente em Neuquén do jornal "Clarín" que fora sequestrado há mais de dois meses, apareceu ontem amarrado e amordaçado dentro de um carro, em perfeitas condições de saúde, segundo informou o Exército.

Estaban foi sequestrado dia 23 de julho em Neuquén por um grupo de nove pessoas que o aguardava nas proximidades de sua casa. Sua mulher também foi sequestrada, sendo libertada na cidade de Villa Regina, cerca de 100 quilômetros de Neuquén, após ser interrogada.

A nota do Exército que comunica a aparição de Estaban informa que investigará o caso do sequestro.

Na semana passada, a Associação de Entidades Jornalísticas Argentinas (ADEPA), que agrupa 181 órgãos de imprensa, denunciou que os desaparecimentos de jornalistas na Argentina "não são profundamente investigados para identificação e condenação dos culpados".

Argentina recebe protesto chileno

SANTIAGO — O chanceler chileno Hernan Cubillos informou ontem que foram enviadas notas de protesto ao governo argentino, com respeito a pressões a que estariam sendo submetidos os cidadãos chilenos residentes ou em trânsito na Argentina, exortando Buenos Aires a pôr fim ao "ânimo belicista imperante nos países".

O chanceler salientou que o Chile "tem mantido uma extraordinária serenidade frente a esses problemas e às manobras militares realizadas na Argentina", acrescentando que "desejamos ter nossa consciência absolutamente tranquila".

Cubillos assinalou que as atividades militares argentinas, com os movimentos de tropa nas imediações das fronteiras, constituem um fator "lamentável e agravante, atingindo o espírito de distensão assumido pelos presidentes de ambos os países".

Testes nucleares nos EUA

LAS VEGAS (EUA) — Cidadãos de Utah e Nevada reclamaram oito milhões de dólares ao Departamento da Energia, cujas provas nucleares provocaram entre 1950 e 1960 a morte de quatro pessoas por câncer, informou-se ontem.

Esses cidadãos criticaram vivamente a negligência do governo nas 83 provas nucleares ao ar livre efetuadas.

Bonn suspende ajuda ao regime de Somoza

BONN — O governo da República Federal da Alemanha (RFA) decidiu ontem suspender provisoriamente sua ajuda ao desenvolvimento econômico à Nicarágua, em protesto contra o massacre do povo nicaraguense perpetrado pelas tropas do ditador Anastasio Somoza.

Um porta-voz do Ministério da Cooperação Econômica da RFA disse que "os empréstimos que chegam a cinco milhões e meio de marcos e que já foram concedidos não serão concretizados enquanto não forem restabelecidas nesse país as condições necessárias para conseguir um bom desenvolvimento econômico e social".

Em Manágua, diplomatas norte-americanos manifestaram a esperança de anunciar ainda ontem um acordo sobre a composição da comissão negociadora liderada pelos Estados Unidos que procurará uma solução para a crise nicaraguense, enquanto ocorriam novos combates na capital e na fronteira com a Costa Rica. Antontem à noite foram ouvidos disparos de armas de fogo em dois bairros de Manágua, para os quais a Guarda Nacional enviou reforços. O comandante da Guarda Nacional em S. Carlos, povoado do leste do país, informou que suas tropas não sofreram baixas num tiroteio com sandinistas.

Um dos diplomatas norte-americanos disse que as gestões preparatórias à negociação entre Somoza e a oposição estão numa fase delicada, sendo por isso preferível manter sigilo. Fontes políticas disseram que Estados Unidos, República Dominicana e Guatemala foram aceitos tanto pela oposição quanto por Somoza, mas há dúvidas a respeito da participação da Colômbia, a pedido da oposição, e de El Salvador, a pedido de Somoza.

O jornal "Novedades", de Somoza, qualificou as negociações como "um grande diálogo nacional entre o governo e os diferentes grupos democráticos de oposição, com a exclusão dos guerrilheiros da Frente Sandinista". Mas o coordenador da Frente Ampla de Oposição, Javier Zavala, disse que os guerrilheiros estarão representados nas negociações por um membro do chamado "Grupo dos Doze", a maioria intelectual que se exilaram na Costa Rica e recentemente regressaram à Nicarágua.

INCIDENTE

Em San José, o chanceler interno da Costa Rica, Bernard Niehaus, disse que seu país protestará pela violação de suas águas territoriais por parte de navios de guerra de Somoza. O governo costarriquenho ficou sabendo antontem à noite que uma patrulha nicaraguense atacara pescadores norte-americanos no litoral atlântico da Costa Rica, a uns três quilômetros dos limites com a Nicarágua. O ministro do Interior, Juan José Echeverría, disse que seu governo apresentará provas dessa nova violação do território costarriquenho por parte da Nicarágua perante a Assembléia Geral da ONU.

O incidente ocorreu ao mesmo tempo em que o presidente Rodrigo Carazo rejeitava o relatório da comissão de inquérito da OEA que foi averiguar a violação anterior do território costarriquenho por tropas somozistas. O presidente Rodrigo Carazo, que retornou de Nova York antontem à noite, contestou a decisão da OEA, que diminuiu o incidente fronteiriço ocorrido dia 12 passado.

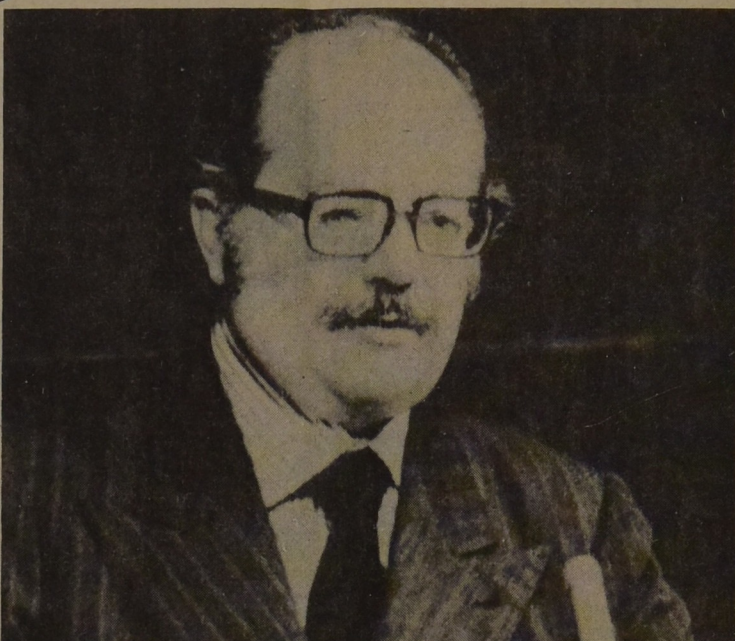
Carazo afirmou que a OEA atravessa atualmente um momento de "profunda crise".

Entretanto, vários integrantes da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) chegou ontem a Manágua, para investigar as denúncias de violações de direitos humanos cometidas pela ditadura de Somoza.

VANCE E CONSALVI

Na Assembléia Geral da ONU, o secretário de Estado Cyrus Vance e o chanceler venezuelano Simon Alberto Consalvi falaram sobre a situação da Nicarágua, o primeiro afirmando que o s Estados Unidos encaram a guerra civil nicaraguense como "um conflito regional de grande importância" e estão dispostos a servirem de mediadores para resolver a crise, enquanto o venezuelano, em tom emocionado, acusava Somoza de estar realizando "uma operação de extermínio" no seu país.

Vance declarou que a comunidade internacional "deve reagir diante da agonia das vítimas da violência e do derramamento de sangue na Nicarágua", mas não propôs nada de concreto nesse sentido e nem mesmo citou a iniciativa co-patrocinada pelos presidentes da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, e da Colômbia, Julio Cesar Turbay Ayala, que antontem solicitaram a adoção de "medidas imediatas" para "deter o genocídio" na Nicarágua. Vance limitou-se a assinalar que os Estados Unidos e outros países da região estão se ocupando do problema. "Oferecemo-nos para mediar a crise interna da Nicarágua e temos a esperança de que todas as partes envolvidas aceitem essa proposta e participem de um processo de mediação justo, capaz de contar com a confiança de todos".



O chanceler da Venezuela, Simon Alberto Consalvi, exorta a ONU a tomar medidas contra o "extermínio" do povo nicaraguense, ontem, na Assembléia Geral. UPI

Vance pede apoio do mundo a Camp David

NAÇÕES UNIDAS, — O secretário de Estado norte-americano Cyrus Vance exortou ontem a comunidade internacional a apoiar os acordos de Camp David, salientando que os Estados Unidos, se comprometeram, nos mesmos, a estabelecer os direitos políticos totais dos palestinos.

Ao discursar na assembléia-geral da ONU, Vance disse: "Acreditamos que o povo palestino tem que receber garantias de que eles e seus descendentes podem viver em dignidade e liberdade e ter a oportunidade de realização econômica e de expressão política".

Para atingir este objetivo, o secretário disse que a base para a paz, negociada em Camp David pelo presidente Jimmy Carter, pelo presidente Egípcio Anwar Sadat e pelo primeiro-ministro israelense Menachem Begin, prevê que, na margem ocidental do Rio Jordão e na faixa de Gaza, "a ocupação israelense deverá terminar e deverá ser substituída uma autoridade autônoma".

Além disso, Vance explicou que os três líderes reconheceram também "que o problema dos palestinos que moram fora dessas áreas tem também de ser enfrentado". Observou ainda que, à medida que as instituições políticas palestinas forem se tornando realidade, nos territórios ocupados por Israel, a questão da entrada de

Chamoun aceita Damasco poderá receber dólares de Washington

BEIRUTE — O líder direitista Camille Chamoun recebeu com satisfação o pedido do presidente Jimmy Carter para a realização de uma conferência de paz sobre o Líbano, mas a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) rejeitou a sugestão.

Nas Nações Unidas os Estados Unidos voltaram a propor, diante da Assembléia Geral da ONU, uma conferência internacional sobre o Líbano, para restabelecer o processo constitucional.

Os EUA estão dispostos a não "poupar esforços para acabar com essa tragédia", disse o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, ao referir-se à situação libanesa. Vance, que retomou, as declarações feitas por Jimmy Carter antontem, referiu-se à eventual elaboração de "uma nova carta libanesa" graças ao acordo entre as partes ligadas ao conflito.

"Por que isso não foi proposto antes? Teríamos evitado tanto derramamento de sangue", declarou Chamoun, ex-presidente e líder do Partido Nacional Liberal, de direita.

"Em princípio, não tenho nenhuma objeção, a fazer a essa conferência", disse Chamoun, que, porém, advertiu: "A reunião não será necessária, se seu único resultado for a ratificação da presença militar síria no Líbano".

OLP

Yasser Abab Rabbo, membro da comissão executiva da OLP, rejeitou a proposta de Carter, dizendo que a conferência teria por fim apenas "liquidar a revolução palestina e enfraquecer a Síria".

Acrescentou que o problema libanes deverá ser resolvido pelos próprios libaneses e pelas "partes diretamente envolvidas", as quais, presumivelmente, incluem a Síria e a OLP, excluindo os Estados Unidos, Israel e outros países.

Na entrevista coletiva concedida antontem, Carter disse que chegou o momento de os Estados Unidos participarem de uma conferência internacional, destinada a levar a paz ao Líbano.

refugiados palestinos será abordada.

"Os Estados Unidos estão irrevogavelmente comprometidos a produzir uma solução satisfatória para o problema dos refugiados palestinos," afirmou.

BASES NO NEGEV

Entretanto, os Estados Unidos informaram ontem oficialmente a Israel que irão construir duas bases aéreas no deserto de Negev, no sul desse país, para substituir as duas bases aéreas israelenses do Sinal a serem entregues aos egípcios nos termos dos acordos de Camp David.

O compromisso norte-americano se tornou oficial com aprovação dos acordos pelo Knesset (Parlamento) antontem, como declarou o secretário da Defesa, Harold Brown, em telegrama enviado ao ministro israelense da Defesa, Ezer Weizman.

O primeiro-ministro israelense se reuniu ontem com o embaixador itinerante dos Estados Unidos Alfred Atherton para estabelecer os prazos e datas das conversações de paz. O início dessas negociações está previsto para o dia 11 de outubro, logo após a festa religiosa judaica do Yom Kippur.

Atherton revelou ter informado Begin sobre as viagens do secretário de Estado Cyrus Vance à Arábia Saudita e à Síria, logo após as conversações de Camp David.

WASHINGTON — As comissões de Conferência da Câmara e Senado dos Estados Unidos aprovaram um projeto de ajuda de 90 milhões de dólares à Síria, ao concluírem a fórmula de compromisso sobre a lei orçamentária de ajuda ao exterior, totalizando nove bilhões e 100 mil dólares, segundo informaram fontes parlamentares.

A aprovação, decidida antontem à noite, constituiu uma vitória para o presidente Jimmy Carter, que exerceu forte influência sobre o Congresso em favor do projeto de auxílio à Síria, apesar da atitude crítica desse país em relação aos acordos de Camp David. Segundo o governo, a verba auxiliaria a manter a influência dos Estados Unidos sobre o país.

O presidente Jimmy Carter deverá, entretanto, dar garantias ao Congresso de que estes fundos não estão em contradição com a paz no Oriente Médio.

Um grupo de congressistas que acusam a Síria de combater os cristãos do Líbano e opor-se aos acordos de Camp David, conseguiu eliminar essa ajuda por ocasião da primeira discussão da lei.

A lei deve ser submetida ainda à aprovação final de cada uma das duas casas do Congresso.

O presidente da Comissão de Conferência da Câmara, Clarence Long, tentou reduzir a verba a 30 milhões de dólares, mas sua iniciativa foi neutralizada pelo "hobby" do presidente.

Begin passa mal e é hospitalizado

TELAVIVE — O primeiro-ministro Menachem Begin internou-se ontem em um hospital por não estar se sentindo bem, informou a televisão nacional.

Amigos do primeiro-ministro de 64 anos, que têm problemas cardíacos, disseram que esperavam que Begin regressasse à sua casa em Jerusalém hoje à noite.

Até o momento não se tem indícios sobre a enfermidade de que foi acometido Begin, que esteve no Parlamento (Knesset) antontem durante as 17 horas que duraram os debates sobre os acordos de Camp David.

Trabalhadores tomam embaixada

CIDADE DA GUATEMALA — Um grupo de operários de uma fábrica de materiais de construção ocupou ontem a embaixada da Suíça na Cidade da Guatemala, aprisionando o embaixador Yves Berthoud, como forma de pressionar a empresa a solucionar um conflito trabalhista, segundo informou a polícia.

Um porte-voz dos 25 ou 30 operários que ocuparam a embaixada declarou aos jornalistas que se trata de um ato "pacífico", salientando que nenhum dos trabalhadores está armado. Alguns dos operários, que cobriram o rosto com lenços, estavam acompanhados de suas mulheres e filhos.

O porta-voz declarou que o grupo representa outros 175 empregados da fábrica Duralita S.A. companhia suíço-guatemalteca filiada às companhias suíças Duralite e Eternite.

A polícia cercou totalmente a embaixada, iniciando contatos com os trabalhadores, que exigem a readmissão de alguns companheiros demitidos e melhor tratamento por parte dos engenheiros suíços que dirigem a fábrica.

Carter discute hoje problemas do acordo SALT

NOVA YORK — O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, e o ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Andrei Gromiko, disseram antontem que as conversações SALT 2 se encontram numa, etapa difícil e que os compromissos em vários setores não serão efetuados facilmente.

As sobrias declarações dos dois diplomatas foram pronunciadas depois de quatro horas de conversações e pareceram diminuir as esperanças do presidente Jimmy Carter de enviar um novo tratado sobre limitação de armas estratégicas para aprovação do Congresso, ainda este ano.

Vance e Gromiko se reunirão hoje com Carter na Casa Branca, a fim de informar o presidente sobre suas tentativas de superar as divergências que estão atrasando o tratado SALT 2 por quase um ano.

Porém, embora Vance e Gromiko não mencionassem detalhes sobre as conversações SALT, fontes do Pentágono informaram que os principais pontos de desacordo nas conversações envolvem os sistemas de desenvolvimento e teste de novas armas.

Gromiko declarou, por intermédio de um intérprete, que as negociações se centralizavam agora em vários itens "sobre os quais não concordamos ou não concordamos totalmente".

Por sua vez, Vance qualificou o processo como "algo que é construído tijolo por tijolo".

Segundo Gromiko, o problema se refere "à dificuldade de se separar essas questões. Chegamos a um ponto que, muitas vezes, é difícil distinguir as questões com as quais não concordamos daquelas com as quais não concordamos totalmente".

"NOVELO DE BARBANTE"

Numa tentativa de exemplificar o impasse em que se encontram Gromiko e Vance, o diplomata soviético disse que as questões não indicadas "estão intimamente entrelaçadas. Se tivéssemos um novelo de barbanete poderia demonstrar graficamente", disse Gromiko.

Porém, fontes soviéticas disseram que "ainda têm esperanças" de que seja efetuado um acordo prévio e Gromiko acrescentou: "Esta não é a discussão final. Continuaremos".

Sabe-se que os norte-americanos estão preocupados com o desenvolvimento de mísseis soviéticos, extremamente precisos e poderosos, os quais são considerados como uma ameaça aos fortes silos dos mísseis norte-americanos Minuteman.

Consequentemente, o Pentágono vem exercendo pressão para a produção de mísseis MX, os quais poderão ser removidos para vários locais de ataque, por intermédio de um trilho subterrâneo de 16 a 32 quilômetros de comprimento, para tentar escapar ao impacto direto de um primeiro ataque soviético.

Um novo atentado dos "brigadistas"

ROMA, — Homens armados atiraram ontem nas pernas de um diretor da indústria automobilística Alfa Romeu, em Milão. As "Brigadas Vermelhas" reivindicaram o atentado.

A polícia informou que desconhecidos atacaram Ippolito Estonee, de 60 anos, em frente à garagem de sua casa, quando se preparava para ir para o serviço. Segundo os informantes, os desconhecidos algemaram Estonee antes de disparar vários tiros contra as suas pernas.

Aprovado plano de Waldheim para a Namíbia

NAÇÕES UNIDAS — O Conselho de Segurança da ONU aprovou ontem uma das maiores operações para manter a paz da história da ONU: a garantia de eleições livres e transição pacífica à independência na Namíbia.

A votação em favor da maciça presença da ONU no ex-protetorado da África do Sul foi de 12 votos a zero. A União Soviética e a Tchecoslováquia absteram-se. A China, que se opõe a qualquer envolvimento militar da ONU, não participou na votação.

A realização do plano dependerá agora do consentimento do governo sul-africano do primeiro-ministro Pieter Botha.

O secretário-geral Kurt Waldheim entregou o rascunho do plano de transição ao conselho no dia 29 de agosto passado, depois que seus cinco membros ocidentais prepararam as diretrizes básicas e obtiveram o acordo da África do Sul e dos guerrilheiros negros da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO).

Antes de aprovar o envio da força mantenedora da paz, o Conselho aprovou uma resolução que dá ao primeiro-ministro sul-africano três semanas para acatar definitivamente o plano de paz para a Namíbia, elaborado pela ONU.

Waldheim propôs o envio de uma força composta de 7.500 soldados, de uma equipe de 360 policiais civis, para fiscalizar o cumprimento da lei, e de mais de 1.200 pessoas, que supervisionarão as eleições. Pelos primeiros cálculos do secretário-geral, durante o período de transição de um ano, as operações de supervisão ficarão em torno de 300 milhões de dólares.

A África do Sul rejeitou operação de supervisão proposta pelas Nações Unidas, alegando que ela não era prevista no acordo original negociado pelas potências ocidentais e governo de Pretória durante um ano e meio. Na semana passada, a África do Sul, que controla a Namíbia num desafio aberto às resoluções das Nações Unidas anunciou que promoverá eleições por sua própria conta, entre os dias 20 e 24 de novembro.

Mas na resolução o Conselho de Segurança declara "nulos os registros unilaterais dos eleitores namibios" e pede a cooperação da África do Sul. Também "declara que todas as medidas unilaterais tomadas pela administração ilegal da Namíbia em relação com o processo eleitoral são nulas e não admissíveis".

Vorster passa a ser o presidente da África do Sul

CIDADE DO CABO — O ex-primeiro-ministro John Vorster foi eleito ontem presidente da África do Sul, pelo Parlamento branco reunido na Cidade do Cabo.

Vorster, de 63 anos, substitui Nicholas Diederichs, o qual faleceu no mês passado.

Vorster demitiu-se como primeiro-ministro por razões de saúde na semana passada, para candidatar-se à Presidência, posto honorífico na África do Sul.

Somente tinha dois candidatos da oposição contra ele: o professor Guernino Bozzoli, ex-vice-chanceler da Universidade de Witwatersrand, apresentado pelo Partido Progressista Federal, e sir Villiers Graaf, ex-líder da oposição, em nome do Partido da Nova República.

O ex-remiê, que fora designado antontem candidato único do Partido Nacional, no poder, obteve 173 votos contra 19 para sir Villiers e 12 para o professor Bozzoli.

Apesar de que o presidente não tem nenhum poder na África do Sul, os observadores consideram que Vorster, o qual foi premiê durante mais de doze anos, conservava certa influência ante o governo, hoje dirigido por Pieter Botha.

Yard confirma que desertor búlgaro foi assassinado

LONDRES, — O desertor búlgaro Georgi Markov, que morreu a 11 de setembro último em Londres depois de ter sido atacado com um guarda-chuva por um desconhecido, foi vítima de um assassinato, confirmou ontem a polícia britânica.

O comissário adjunto Gilbert Kelland, um dos responsáveis pela Scotland Yard, disse em entrevista à imprensa que a autópsia no corpo do escritor búlgaro revelou a "presença de um projétil menor que a cabeça de um alfinete".

O misterioso projétil descoberto durante a autópsia, afirmou Kelland, é idêntico "em suas medidas e em sua composição", ao que foi encontrado pelos médicos que salvaram milagrosamente a vida de Vladimir Kostov, outro desertor e búlgaro atacado no metrô de Paris, também com um guarda-chuva.

O mesmo genero de atentado foi praticado há pouco tempo contra Stephan Bankov, desertor que vive nos Estados Unidos.

VENENO DESCONHECIDO

A autópsia, contudo, não permitiu conhecer com exatidão a natureza e a origem do veneno que provocou uma fulminante septicemia ocasionando a morte do escritor dissidente.

O comandante Jim Nevill, chefe da brigada antiterrorista da Scotland Yard, explicou que os cientistas haviam encontrado "vestígios de uma substância indeterminada" na perfuração feita pelo projétil retirado de uma perna do dissidente búlgaro, mas se absteve de dar maiores detalhes.

As revelações da Scotland Yard, ao que parece, reativarão a especulação segundo a qual Markov, que residia na Grã-Bretanha desde 1969, foi assassinado por agentes secretos búlgaros. Condenado a seis anos e meio de prisão por deserção, Markov colaborava nos serviços estrangeiros da BBC e na rádio Europa. Livre,